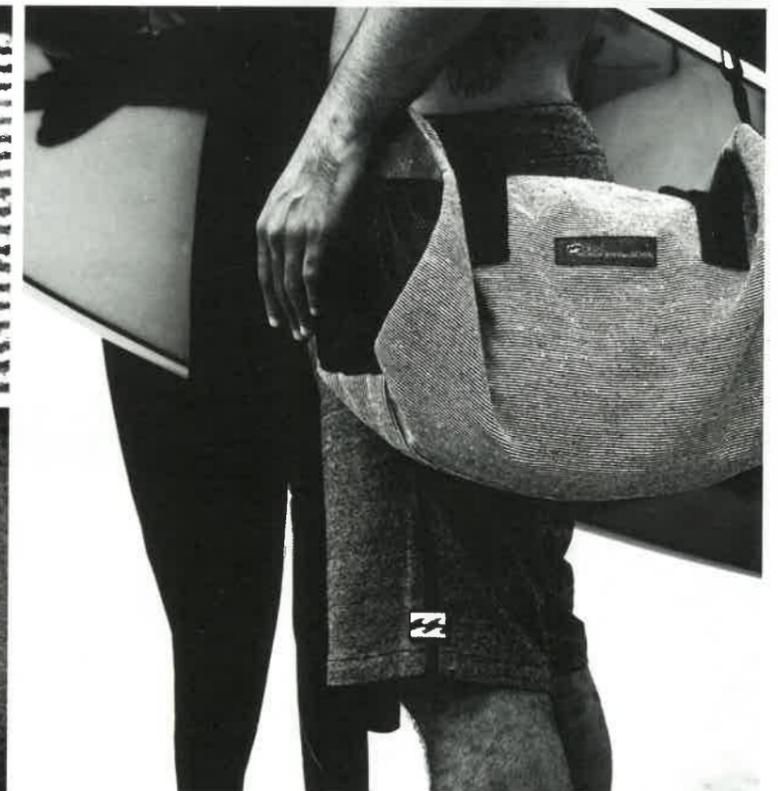


+ JOIN THE JOURNEY +

OSCAR FREIRE (SP) • MORUMBI SHOPPING (SP) • SHOPPING HIGIENÓPOLIS (SP) • SHOPPING IBIRAPUERA (SP) • SHOPPING IGUAATEMI (ALPHAVILLE) • SHOPPING BARRA SUL (POA) • SHOPPING VITÓRIA (ES)
BARRA SHOPPING (RJ) • BÚZIOS (CENTRO) • SALVADOR SHOPPING (BA) • SHOPPING BOURBON (NOVO HAMBURGO)

BILLABONG
RECYCLER SERIES *Água* SCHIN



+ BE A RECYCLER +

A **Billabong** está sempre contribuindo para um mundo mais **sociável** e **ecologicamente correto**. Mais uma vez, em parceria com a **ÁguaSchin**, desenvolvemos uma linha de **produtos sustentáveis** que retratam o universo do surfista e contribuem para uma vida mais **responsável**.

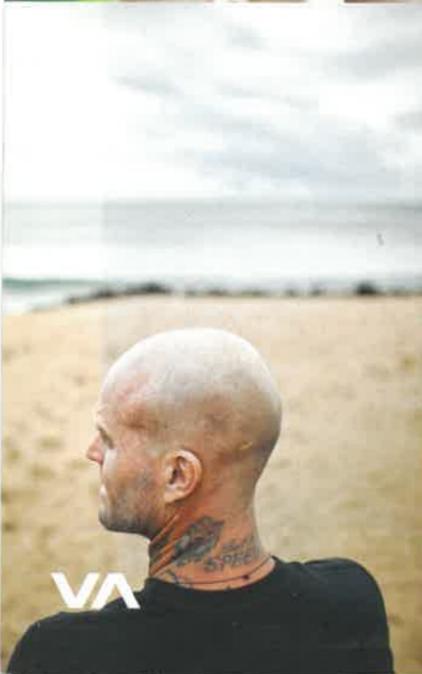
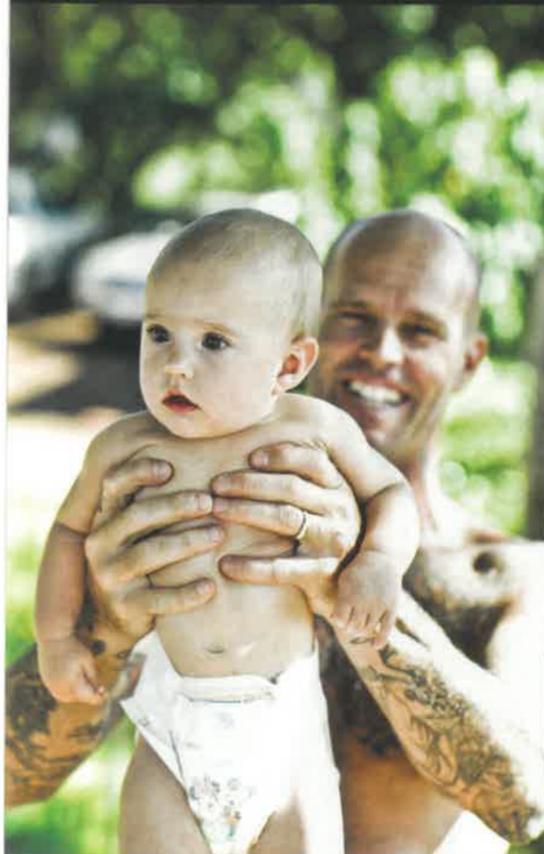
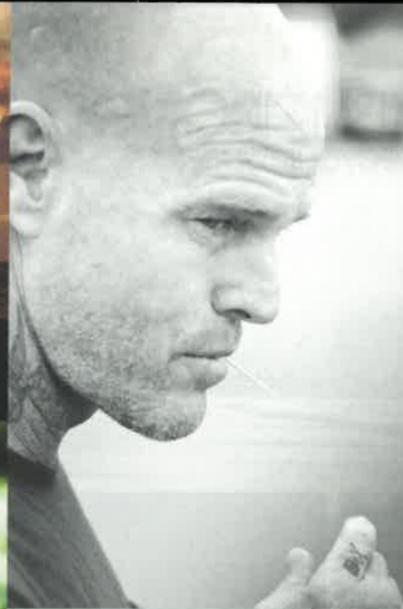
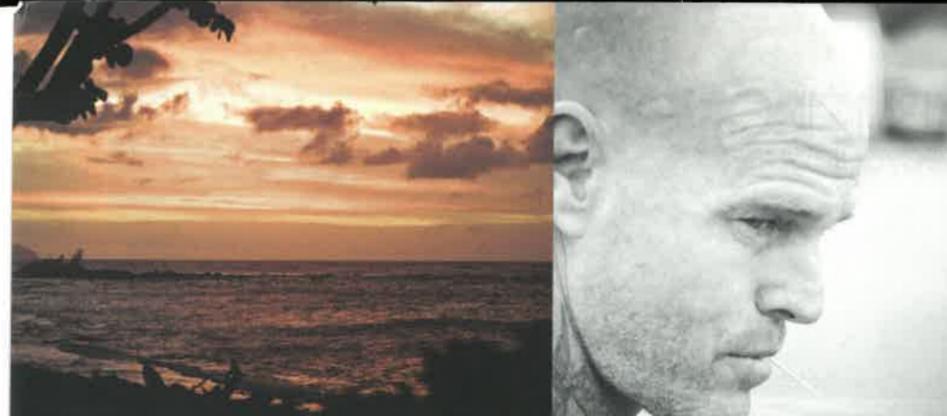
As peças da **Coleção Billabong Recycler Series Água Schin** são feitas de um processo único que transforma garrafas PET de plástico em tecido. A campanha ambiental da Billabong "**Be The Change You Want In The World**" já recolheu mais de **14 milhões** de garrafas ao redor do mundo para transformá-las em boardshorts.

Acreditamos que parcerias e atitudes como essa é que fazem a diferença.

JOIN THE JOURNEY. BE A RECYCLER.

Assista o vídeo em: www.billabong.com/br





RVCA

MATT ARCHBOLD

VA

ALEX KNOST
DANIEL JONES
DANNY FULLER
DINO ADRIAN
FORD ARCHBOLD
KALANI DAVID
MAKUA ROTHMAN

THE BALANCE OF OPPOSITES
RVCA.COM



PRA TUDO
QUE É
NOVO É
DESCOLADO,
NOVO
RIDER.

 rider

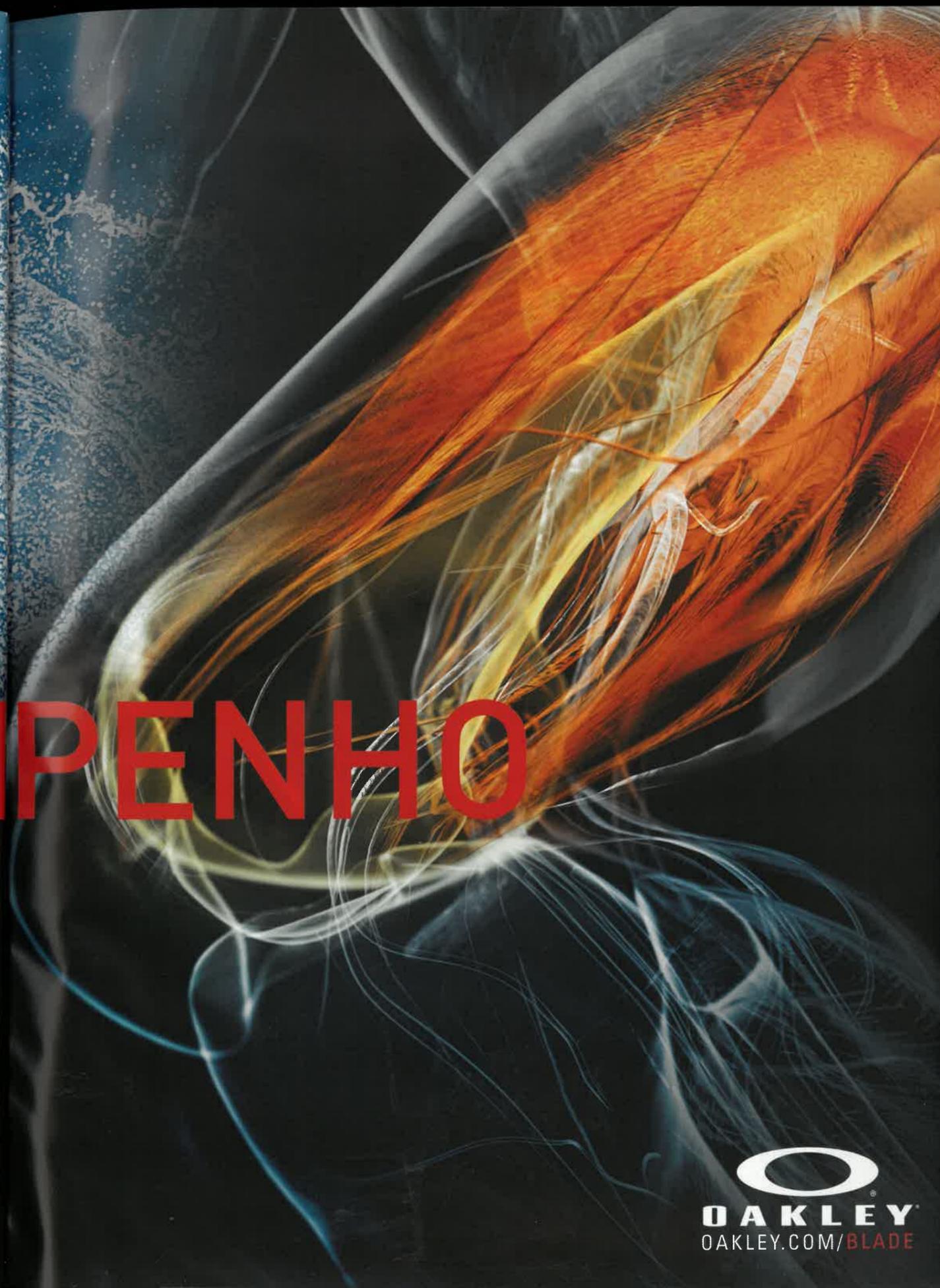




MELHORE SEU DESEMPENHO



Oakley Blade. A melhor bermuda para surfar. Projetada com tecnologia de dupla camada. A camada interna apresenta uma bermuda de compressão de alta performance que reduz a fadiga muscular e oferece verdadeiro conforto durante as longas sessões de surf. Isso se traduz em uma recuperação mais rápida dos músculos doloridos e nenhum risco de assaduras. Ao mesmo tempo, a camada externa lhe dá flexibilidade inigualável, repelência da água e um peso quase inexistente. Oakley Blade faz exatamente o que você faz na água.
REAJA MAIS RÁPIDO. RECUPERE-SE MELHOR. PRO SURFER: ADRIANO DE SOUZA.




OAKLEY
OAKLEY.COM/BLADE

BEDE DURBIDGE in

REVEL
WELD



THE ULTIMATE IN DESIGN AND FABRICATION.

COMFORT. LIGHTWEIGHT. WELDED STRETCH SEAMS. MAXIMUM FLEXIBILITY.



FOX TECH
BOARDSHORT SERIES
WWW.FOXHEAD.COM.BR

HD HAWAIIAN DREAMS



www.hdsurf.com.br
facebook.com/hdsports
twitter.com/hawaiiandreams

PEDRO HENRIQUE - SURF TEAM
N O R O N H A

TECNOLOGIA EXCLUSIVA HD
SUPER FLEXÍVEL - SUPER LEVE - ALTA RESISTÊNCIA - SECAGEM RÁPIDA

Power STRETCH





Bintang

Live Roots,
Love Roots!

Bintang House Joatinga - RJ 21. 3579-5418 • Rio Design Barra - RJ 21. 3329-0099 • Búzios - RJ 22. 2623-2067

bintang.com.br | facebook.com/bintangrootsandculture



Praia do Forte - BA 71. 3676-0237 • Franquias e Multimarcas: bintang@bintang.com.br



Lightning Bolt.

A PURE SOURCE SINCE 1971
lightningboltbrazil@lightningbolt-usa.com

*Pipeline,
Hawaii*



Click: João Machado | Riders: Nicolas Pinot, Dustin Franks, Jord Formann
www.lightningbolt-usa.com | www.lightningbolt.eu.com

Habitual rituals in familiar territory.
Rob Machado, Costa Rica, 2003.
Shot by Patrick Trefz with a Canon EOS3 on Kodachrome film.

EDITORIAL

por
Romeu
Andreatta

LONGEVIDADE
Surf é Forever Young

Pensando, percebendo, vivendo a vida... Tenho me visto cada vez mais realmente dentro de comportamentos e sentimentos que independem de idade. Em muitas situações, eu e meu filho Vitório, de 12 anos, estamos absolutamente na mesma sintonia e emoção. Seja em um aquecimento para o surf em frente de casa em Maresias ou numa snow trip no Chile, quando passamos a viver sem diferenças. Recebemos os Masters no Rio de Janeiro [no último mês de julho], que nos mostraram muito mais alegria, prazer e paixão pelo surf do que os profissionais carrancudos do World Tour. Abordamos com muita modernidade o tema longevidade: surf é forever young. Lendo meu atual mentor, Ray Kurzweil, na obra Transcend, Nine steps to living well forever, que aborda com coragem e otimismo a longevidade até os 150 anos de vida ativa e prazerosa, o autor achou a fórmula! Em curso com seu programa de centenas de vitaminas diárias e dietas radicais, Ray afirma que as regras de comportamento o levarão à idade mais avançada de que o mundo já teve notícia, vivendo e namorando de forma saudável. E se ele fosse surfista, surfando...

Assim nasceu o tema desta edição, pois "o surf e a praia são forever young – somos, fomos e seremos jovens para sempre". Apaixonados, encantados, disciplinados, estão hoje os nossos ídolos de ontem. Nossa maneira de viver é a grande fórmula de longevidade: física, espiritual, emocional. Uma onda... e pronto; todos somos crianças. Forever kids, forever young, forever free soul. Assim celebramos grandes jovens ídolos brasileiros: Rico de Souza, Morongo e Picuruta, que sem dúvida nenhuma são a melhor fotografia de grommets acima dos 50 e

Escrevendo este editorial na minha casa, em Maresias, depois de surfar ondas de 8 pés com meus amigos, professores Alemão e Caixa-d'Água – muita adrenalina e bom surf, lareira acesa, sozinho, me preparando para subir a serra, noite chuvosa e fria, som maravilhoso e lembranças de quem se ama muito, por puro prazer de estar ao lado do oceano, ao lado da floresta Atlântica, ao lado das pranchas, ao lado de Deus... Sinto-me forever young, forever kid, forever happy.

trá-lá-lá. Surfistas que continuam a botar para baixo, a viajar e a evoluir em performance e qualidade de surf, stand-up, tow-in, cada vez mais em sintonia com a alma, a natureza e suas sutilezas. Eles nos ensinam a simplicidade da vida e o grande jargão: 'enough is enough...'. Ídolos internacionais não menos 'super', Gerry Lopez arrasa em energia cool de imagens infinitas; e Laird Hamilton mostra que aos quase 50 tem muito mais gás do que muitos de 20 anos juntos.

meus 5 anos de idade. E agora, que tenho 52, torço para poder viver assim por mais 100 anos... Seguindo meu mentor atual, Ray Kurzweil, e sua dieta radical, e surfando sempre. Surfe bem, coma bem, ame muito, transe bem, medite para perceber a vida e seja sempre jovem de alma e de espírito livre. Leveza e pureza nos fazem orbitar acima do tempo.

Aloha
Romeu

Vittorio e Romeu Andreatta, snowboard em Pucón, Chile '11

MARIA ANDREATA



Billabong Oscar Freire - 1 (11) 3081 2 98



22 SPORT SURF *Longa vida ao esporte surf* / **Reinaldo Andraus**

26 BALEIAS *Os gigantes do mar* / **Alexandra Iarussi**

34 LONGEVIDADE *Morongo, Rico de Souza e Picuruta Salazar* / **A. Vasconcellos**

44 LAIRD & LOPEZ *As últimas fronteiras do corpo e da mente* / **Ben Marcus**

58 O JAPÃO *Antes do Tsunami e um novo caminho* / **Joe Curren**

68 DEREK HYND *No caminho da liberdade experimental* / **Derek Hynd**

80 SHAUN TOMSON *Por uma vida melhor* / **Rosaldo Cavalcanti**

92 DNA *A longevidade do surf* / **Rico de Souza**

94 SURF ETERNO *Surfar até morrer* / **Taiu Bueno**

almasurf

nº64 ago/set 2011

Improve Produção e Curadoria Editorial SA
 Maria Dias Carvalho
 GEO Eventos SA

Publisher: Romeu Andreatta Filho
Diretor Editorial: Adriano Vasconcellos vasconcello@almasurf.com.br
Editor convidado USA: Ben Marcus
Direção de Arte: Marcelo Barilaky
Editora Assistente: Alexandra Iarussi
Redação: Paula Sgarbi
Assistente de Redação: Guilherme Felberg
Revisão: Francisco José M. Couto

Gerente de Eventos: Felipe Baracchini felipe@almasurf.com.br
Eventos: Patricia Mekitarian
Assistente de Produção: Vicente Menta

Colaboradores

Textos

Ben Marcus
 Derek Hynd
 Joe Curren
 Reinaldo Andraus

Rico de Souza
 Rosaldo Cavalcanti
 Taiu Bueno

Fotografias:

Brian Nevins
 Bruno Lemos
 Cameron Farrer
 Dan Merkel
 Dylan Buchan
 Fábio Minduim
 James Thisted
 Jared Aufrichtig
 Jeff Divine

Jim Russi
 Joe Curren
 Jon Frank
 Masa Ushioda
 Meghan Sepe
 Scott Portelli
 Sean Davey
 Tim McKenna

Ilustração Baleias: Mauricio Domingues

Comercial: Floriano Sales floriano@almasurf.com.br
Tráfego: João Carlos Ferreira de Araújo
Serviço: Dóricas Rodrigues Xavier
Gerente Financeiro: Jair Kakihara jair@almasurf.com.br

Distribuição: Dinap S.A. Distribuidora Nacional de Publicações
Impressão: IBEP Gráfica

Jornalista Responsável:

Adriano Vasconcellos MTR 45720

A revista Alma Surf é uma publicação bimestral da Improve Produção e Curadoria Editorial Ltda. As matérias publicadas não refletem necessariamente a opinião da revista e sim a de seus autores.

Correspondência: Rua Dr. Fonseca Brasil, 295 Morumbi - São Paulo - SP - 05716-060
 Fone: 55 (11) 3744-3711 almasurf@almasurf.com.br
Para assinar: (11) 3744-3711 assinatura@almasurf.com.br
Tiragem desta edição: 25.000 exemplares

Capa: Albert "Rabbit" Kekai acervo Dylan Buchan/Toes on the Nose



www.almasurf.com

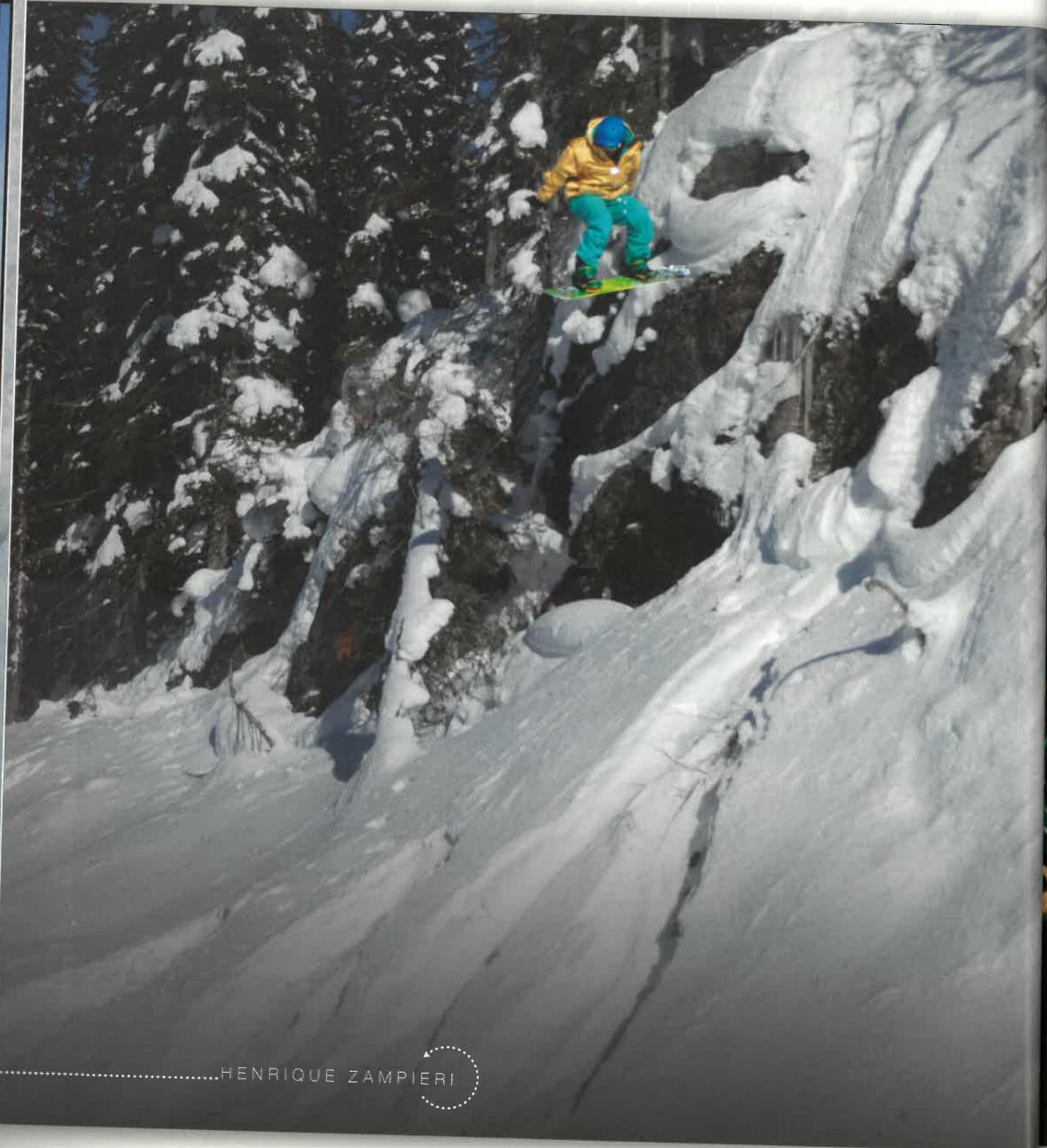


VONZIPPER

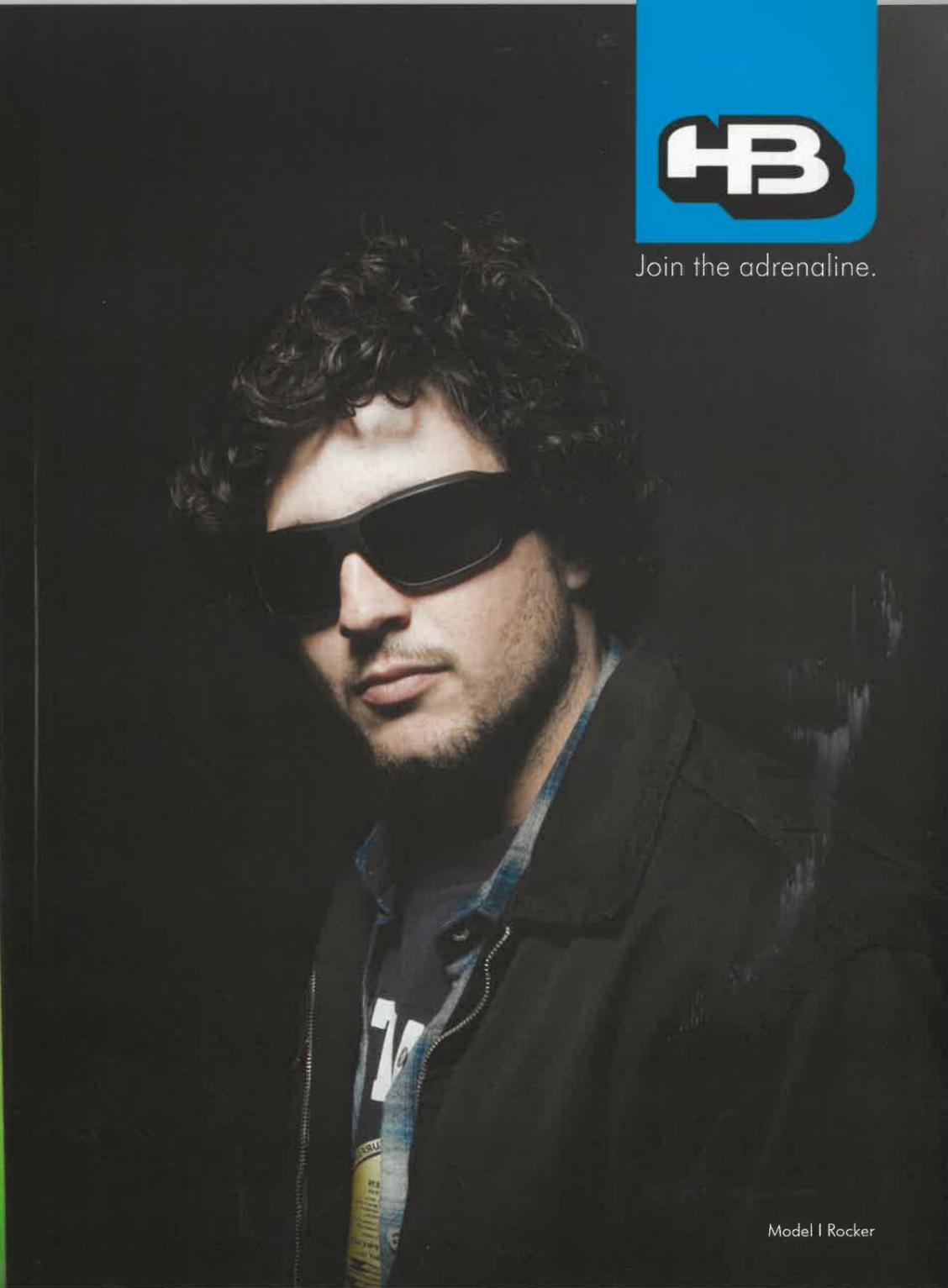
TAJ BURROW | FULTON



VONZIPPER.COM IT'S THE FORTRESS OF DEVOTION.....
 AND A HOLE IN ONE ON THE FAIRWAY OF LIFE.....



.....HENRIQUE ZAMPIERI



Join the adrenaline.

Model I Rocker



Exija o selo de qualidade ABNT. Proteja Seus olhos.



Albert 'Rabbit' Kekai, talvez o maior exemplo de longevidade no surf, atleta nos tempos áureos, envelheceu com classe alimentado pelo amor ao surf.

SURF
SPORT

por Reinaldo
"Dragão"
Andraus

LONGA VIDA AO ESPORTE SURF

O surf é um esporte que tem em seu core a quebra de paradigmas. A idade para dropar isso ou aquilo é mais um dos detalhes.

Tomemos o exemplo de Rabbit Kekai, ícone do surf havaiano. Nascido em novembro de 1920, completou 90 anos no ano passado, ainda trabalhando como Beach Marshall dos eventos da Tríplice Coroa Havaiana. Kekai é um verdadeiro "patrimônio" do surf havaiano e mundial. Um exemplo e uma referência.

Na primeira metade do século passado, depois que Duke, Blake, Freeth e cia. saíram de cena, Rabbit surgiu como um dos top performers daquela época das pesadas pranchas de madeira. Muitos atribuem a ele o início do surf hot dog (manobrar a prancha em vez de simplesmente seguir com ela) de maior eficiência e vigor. Rabbit Kekai já foi um atleta sarado, um dos "beach boys" havaianos, aqueles locais que ensinavam os turistas a surfar em Waikiki.

Nos anos 1990 foi instaurado um campeonato em homenagem a ele, o Toes on the Nose – Rabbit Kekai Classic, realizado na Costa Rica e outros picos. Até a virada do século, aos 80 anos, ele ainda participava de demonstrações com relativa desenvoltura.

Entrando nos anos 2000, Rabbit se mantinha como o Beach Marshall da Tríplice Coroa Havaiana, distribuindo as lycras e dando conselhos valiosos para os competidores, que sempre o respeitaram e nunca perderam a chance de bater um papo com essa verdadeira lenda do surf. Uma pessoa que nos mostrou o caminho da longevidade em nosso esporte, sempre com muita alegria de viver, espalhando o espírito de aloha aonde quer que fosse.

Rabbit, a família Paskowitz, o brasileiro Carlos Mudinho, são exemplos de onde a paixão ao surf pode nos levar mantendo a saúde e a devoção pelo esporte no coração. Porém, outra faceta na qual o surf quebra os paradigmas é em seu lado esportivo, com atletas do primeiro escalão mantendo excelência na atividade, mesmo com uma idade que seria (foi no passado) taxada como momento de aposentadoria.

Rabbit Kekai, ícone do surf havaiano, nasceu em 1920, completou 90 anos no ano passado. Ele é um verdadeiro "patrimônio" do surf mundial. Um exemplo e uma referência. Depois de Duke, Blake, Freeth e cia., Rabbit surgiu como um dos top performers daquela época das pesadas pranchas de madeira. Já foi atleta sarado e um dos "beach boys" do Hawaii, e aos 80 anos ainda surfava com certa desenvoltura. Kekai é uma pessoa que nos mostrou o caminho da longevidade em nosso esporte, sempre com muita alegria de viver ao espalhar o espírito de aloha aonde quer que fosse.

BYLAN BUCHAN / TOES ON THE NOSE



"Style is the most important thing"

Marky Ramone



SIGNATURE SERIES LIMITED EDITION

www.evoke.com.br/markyramone

O pote de ouro sempre pode estar no final do arco-íris.
Mark Occhilupo rejuvenesceu seu surf e não perdeu mais a trilha

JON FRANK

LIÇÕES PARA O NOVO MILÊNIO

Um exemplo que podemos pegar de fora do surf é o que aconteceu com Pelé, no esporte mais praticado do mundo. Sua aposentadoria do nível mais alto de jogo, após a Copa de 70, aos 30/31 anos, foi um equívoco. Romário, recentemente, mostrou até onde a perseverança e o objetivo de buscar recordes, aliados a um tempero de experiência, manutenção de preparo físico e dosagem de esforço, acoplados ao excepcional talento e a uma presença na área de extrema inteligência, podem estender uma carreira. Hoje há estudos aprofundados para aperfeiçoamento dos grandes talentos de qualquer esporte. As barreiras estão sendo vencidas tanto em termos de longevidade quanto no caso da precocidade, com esportistas cada vez mais jovens despontando no cenário competitivo. Como em todas as facetas da evolução humana, essa busca não vai cessar. Recordes ocorrem para ser perseguidos e quebrados novamente. E novamente... Nesse quesito específico, um surfista em particular elevou o nível a um patamar em que pode ficar muitos e muitos... anos! Sem ser sequer ser desafiado. Robert Kelly Slater entra no rol dos atletas do século. De dois séculos distintos. Tenho certeza de que em 2099 ele ainda será um parâmetro. Um caso de estudos. O mais interessante é especular sobre o que está por vir? O que Slater fará? O que poderão fazer para se aproximar de suas façanhas? A segunda pergunta é um tanto quanto estimulante, pois dá para imaginar que Kelly, após abandonar o "tradicional" World Tour, irá continuar alimentando o lado competitivo que pulsa em suas veias.

Talvez se transformando num big-rider; ou então criando um novo sistema de competição, com critérios inéditos, nos quais talvez ele possa ainda encaixar seu surf sobrenatural de forma competitiva. Afinal, todos querem assistir ao melhor dos espetáculos. Guinando em direção a uma realidade mais palpável, o Brasil, mais especificamente as famosas pedras do Arpoador, foi palco da mais recente união da tribo de anciões do surf. A categoria acima de 50 anos contou com ícones de nosso esporte como Shaun Tomson, Rabbit Batholomew, Michael Ho e nosso Daniel Friedmann. Dezesesseis atletas mostraram que é possível buscar competitividade mesmo com uma idade avançada. Os masters (até 49), acima de 36, deram um show à parte, com diversos integrantes da categoria ainda desferindo aéreos. Os resultados do Super Surf Masters Championship da ASP não foram os mais populares, com Nathan Webster e Ian Buchanan vencendo cada uma das categorias. As ondas, embora o fundo estivesse bom, também deixaram a desejar, mantendo a máxima de que REALMENTE as ondas brasileiras dificilmente atingem um padrão "internacional". Uma realidade que somos obrigados a enfrentar. Porém, em termos de longevidade, creio que de hoje em diante os surfistas brasileiros sempre estarão incomodando o antigo status do surf. Beliscando os calcanhares dos três grandes: EUA, Austrália e Hawaii.

Hoje há estudos aprofundados para aperfeiçoamento dos grandes talentos de qualquer esporte. As barreiras são sendo vencidas tanto em termos de longevidade quanto no caso da precocidade. Recordes ocorrem para ser perseguidos e quebrados. E nesse quesito específico, um surfista em particular elevou o nível a um patamar em que pode ficar muitos e muitos... anos! Robert Kelly Slater entra no rol dos atletas do século. Tenho certeza de que em 2099 ele ainda será um parâmetro.



OS GIGANTES DO MAR

BALEIAS PARA A LONGEVIDADE DO MUNDO

por **Alexandra Iarussi**
ilustração **Mau Domingues**



Botos, golfinhos, baleias... A própria representação da cadeia dos cetáceos, únicos mamíferos marinhos que passam toda uma vida dentro d'água. As baleias, sofredoras injustificáveis da perseguição humana, foram dizimadas em mais de 2 milhões de espécimes no século passado. Alguma coisa mudou após a proibição da caça comercial, imposta em 1986. Mas ainda assim, irracionalmente, cerca de 1.400 baleias são mortas a cada ano por países como Japão, Noruega e Islândia. Por outro lado, as organizações ambientais insistem na luta pela conservação dos cetáceos e dos oceanos, e mantêm a esperança de um futuro para os gigantes do mar.



Baleia Cachalote, espécie que ficou famosa com a história de Moby Dick. São as únicas grandes baleias a ter dentes. Estima-se que uma população de até 2 milhões pode ter sido reduzida para algo entre 360 mil e 1 milhão. A direita: Baleia Jubarte. Apesar de ter sido bastante caçada no passado, a população de jubarte vem crescendo em algumas regiões do mundo. No Hemisfério Sul, há mais de 30 mil espécies

No século passado, a caça desenfreada às baleias quase levou a espécie à extinção. Em 1986, a Comissão Internacional Baleeira (CIB) – em inglês, International Whaling Commission (IWC) –, organismo intergovernamental encarregado de tratar da conservação adequada da população de baleias e de regulamentar as atividades pertinentes –, ordenou uma moratória global à caça comercial às baleias. No entanto, em desacato a um consenso internacional, alguns países parecem ignorar as próprias regras. A Noruega, por exemplo, derrubou a lei internacional e pôe à frente arpões à caça das baleias-anãs (ou mink) – a espécie mais perseguida no mundo. O Japão e Islândia colocam a caça das baleias como fins científicos. Ao todo, estima-se que, desde a moratória, estes três países tenham capturado mais de 33 mil baleias. Louie Psihoyos, ativista e fundador da Oceanic Preservation Society (OPS) – organização sem fins lucrativos cujo objetivo é alertar as pessoas sobre a importância da preservação dos oceanos –, é contundente quanto à moratória global e seu impacto decisivo na preservação das baleias. “Tenho plena certeza de que, sem a moratória das baleias, várias espécies já estariam extintas. Existem alguns países trapaceiros, como o Japão, que aproveitam a brecha da caça científica às baleias e desprezam os acordos internacionais.

No fundo, tudo comércio.” As baleias são os maiores cetáceos conhecidos e os maiores mamíferos do planeta. Carne, óleo e âmbar. Mas, como o movimento é global, a caça às baleias nunca esteve tão em baixa. Considerada custosa e pouco produtiva – de acordo com o governo japonês, cada investida baleeira custa aproximadamente 40 milhões de dólares –, recebe forte oposição internacional. Quanto ao óleo de baleia, que no passado era comercializado como substituto do petróleo, hoje praticamente não tem valor algum. O consumo de carne de baleia também está em queda. No Japão, onde atualmente são capturadas cerca de 800 baleias, pesquisas apontam que no máximo 10% da população se alimentam de carne de baleia. As tentativas da Noruega e Islândia de convencer os turistas a consumirem a carne do animal não foram bem aceitas nesta última década. Além disso, a concentração de substâncias tóxicas na carne, entre elas o mercúrio, é alta. Há anos, a Noruega deixou de capturar a quantidade de baleias que tem autorizado [internamente]. Para se ter uma ideia, em 2010 a cota de captura permitida foi de 1.286 animais, mas apenas um terço foi caçado. Algo parecido ocorre na Islândia, onde atualmente se libera a captura de 150 baleias-comuns e cem baleias-anãs. Mas o oceano não é de todos, não é de Deus?

INSISTÊNCIA DO JAPÃO À CAÇA BALEEIRA

Diante de aparentemente mais contras do que prós, porque da insistência irracional? Os ativistas da Sea Shepherd Conservation Society (SSCS), organização sem fins lucrativos chefiada pelo capitão Paul Watson, um dos maiores defensores dos cetáceos, arrisca uma opinião a respeito do assunto. “Embora não faça sentido, nem de maneira prática nem economicamente, para a frota japonesa retornar às águas da Antártida, o fator nacionalista parece ser a motivação primária para a teimosia persistente dos baleeiros japoneses em insistir com suas atividades irresponsáveis e ilegais no oceano Glacial Antártico ou Polar Antártico.” Já Louie, fundador da OPS e diretor do *The Cove* – documentário do trágico massacre de golfinhos na vila de Taiji, no Japão, que levou dezenas de prêmios em festivais de cinema do mundo todo –, tem uma opinião interessante a respeito da insistência japonesa na caça às baleias. “Durante a Segunda Guerra Mundial, os norte-americanos quase mataram de fome milhares japoneses. Havia pouquíssimas reservas de proteína. Documentários da época mostram uma população esquelética, à beira da morte. Diante da caótica situação, o general MacArthur permitiu que os navios militares e comerciais caçassem baleias, uma fonte de proteínas que não era muito bem aceita pela população, com exceção de algumas comunidades locais. Existe ainda uma poderosa velha guarda japonesa que relembra os tempos de humilhação da guerra e insiste em resistir ao que eles consideram uma tentativa de dominação da sua cultura.” As razões explicadas pelo ativista partem de uma experiência que ele passou há alguns anos, quando conheceu o japonês Akira Nakamae, naquela ocasião ministro da Pesca do Japão. “Era 2007. Na ocasião, eu voava para o IWC em Santiago, no Chile. Era um voo longo, de dez horas, e acabamos sentados um ao lado do outro. Ele foi minha audiência cativa durante a viagem, e aproveitei a oportunidade para mostrar uma versão do *The Cove*. Se Deus existe, ele tem meu senso de humor e justiça. O pobre ministro ficou enfurecido. Perguntei a Akira como ele podia conviver com a ideia de ter 5 mil toneladas de carne tóxica de golfinho no mercado japonês. Ele respondeu: ‘Estou no comando para garantir que haja comida, e não de que ela seja segura’. Em outras palavras, sua preocupação era que houvesse comida o suficiente nas mesas dos japoneses – mesmo que envenenada. Era esse o problema enfrentado pelo Ministério da Saúde. Na época, os australianos sabiam que o Japão pescava anualmente dúzias de toneladas de atum no Pacífico e as mantinha como estoque. O departamento tentava esconder o fato, mas os australianos foram direto à imprensa. ‘Como você pode fazer reservas de espécies em risco de extinção?’, perguntei. Ele me disse que precisava alimentar 125 milhões de pessoas que vivem em um arquipélago do tamanho da Califórnia, mas com pouquíssima terra disponível para criar animais ou plantar alimentos – apenas 17% da terra é plana o suficiente para o plantio. Que o alimento dos japoneses está nos oceanos, e que seu medo é que falte comida. Depois, completou: ‘É por isso que ainda caçamos baleias e fazemos estoques de peixes em risco de extinção. Se não resistirmos às tentativas de regulação de nossas atividades pesqueiras, pode faltar comida. O verdadeiro problema agora não somos nós, são os chineses, que consomem mais peixes do que o Japão.’”

EM DEFESA DAS BALEIAS E GOLFINHOS

Fundada em 2004 pelo surfista Dave Rastovich e pelo artista Howie Cooke, a Surfers for Cetaceans (S4C) tem como objetivo alertar as pessoas para a conservação e proteção das baleias, golfinhos e da vida marinha. Muitas são as ações. E uma das iniciativas é a campanha *Minds in the Water*, que originou o filme de mesmo título e busca conscientizar as pessoas a respeito da conservação dos mamíferos marinhos e dos oceanos. Uma das campanhas que marca a ONG é a Visual Petition (em português, Petição Visual), que teve início em 2008, em Byron Bay, na Austrália, durante um festival de música. Apesar de simples, a fórmula da campanha mostrou-se transformadora. Os ativistas pediram aos músicos e ao público que posassem para a foto segurando um cartaz com a imagem de cetáceos. “A alternativa provou ser muito eficaz para quebrar o gelo e introduzir as pessoas no assunto da matança de baleias e golfinhos de maneira amigável, mais sorridente”, diz Justin Krumb, ativista da S4C. O objetivo era formar uma “petição visual” com centenas de imagens, que foram expostas durante a Comissão Internacional Baleeira de 2008. Desde então, a campanha não parou de crescer, e até agora já foram fotografadas centenas de celebridades do surf e da praia, que se transformaram em ativistas ambientais. Músicos como Jack Johnson e Ben Harper, surfistas como Kelly Slater, Joel Parkinson, Mick Fanning e o R.I.P. Andy Irons são alguns dos engajados na campanha. No filme *Minds in the Water*, o diretor Justin Krumb persegue Dave Rastovich e seus amigos em uma aventura de cinco anos pela Austrália, ilhas Galápagos, Tonga, Califórnia, Alasca e Japão – na missão de proteger os cetáceos e o oceano. “*Minds in the Water* é a jornada da apatia ao ativismo, como ter um interesse pessoal em realizar mudanças. Queremos mostrar que uma pessoa pode transformar o mundo, e que só depende de nós fazermos da Terra um lugar melhor, e inspirar os outros a fazerem o mesmo. Essa é a grande mensagem”. De acordo com Krumb, a S4C já está de malas prontas para a próxima. Em outubro deste ano, o barco da Transparent Sea dará início a uma viagem pelas águas da Califórnia com o objetivo de envolver as comunidades locais nos problemas enfrentados por suas praias – e consequentemente por suas criaturas marinhas.



“Com o trabalho da Surfers for Cetaceans, perceberemos que a matança dos cetáceos faz parte de uma pequena porcentagem dos problemas enfrentados pelos animais marinhos ao redor do mundo. Em todas as costas do globo, surfistas enfrentam sérios problemas, seja com relação à qualidade d’água, poluição sonora e sobrepesca, para citar apenas alguns deles.”

Dave Rastovich – ativista free surfer

OS GIGANTES DO MAR



Mesmo com milhares de espécies no Hemisfério Sul, as Jubartes são consideradas vulneráveis pelos ambientalistas

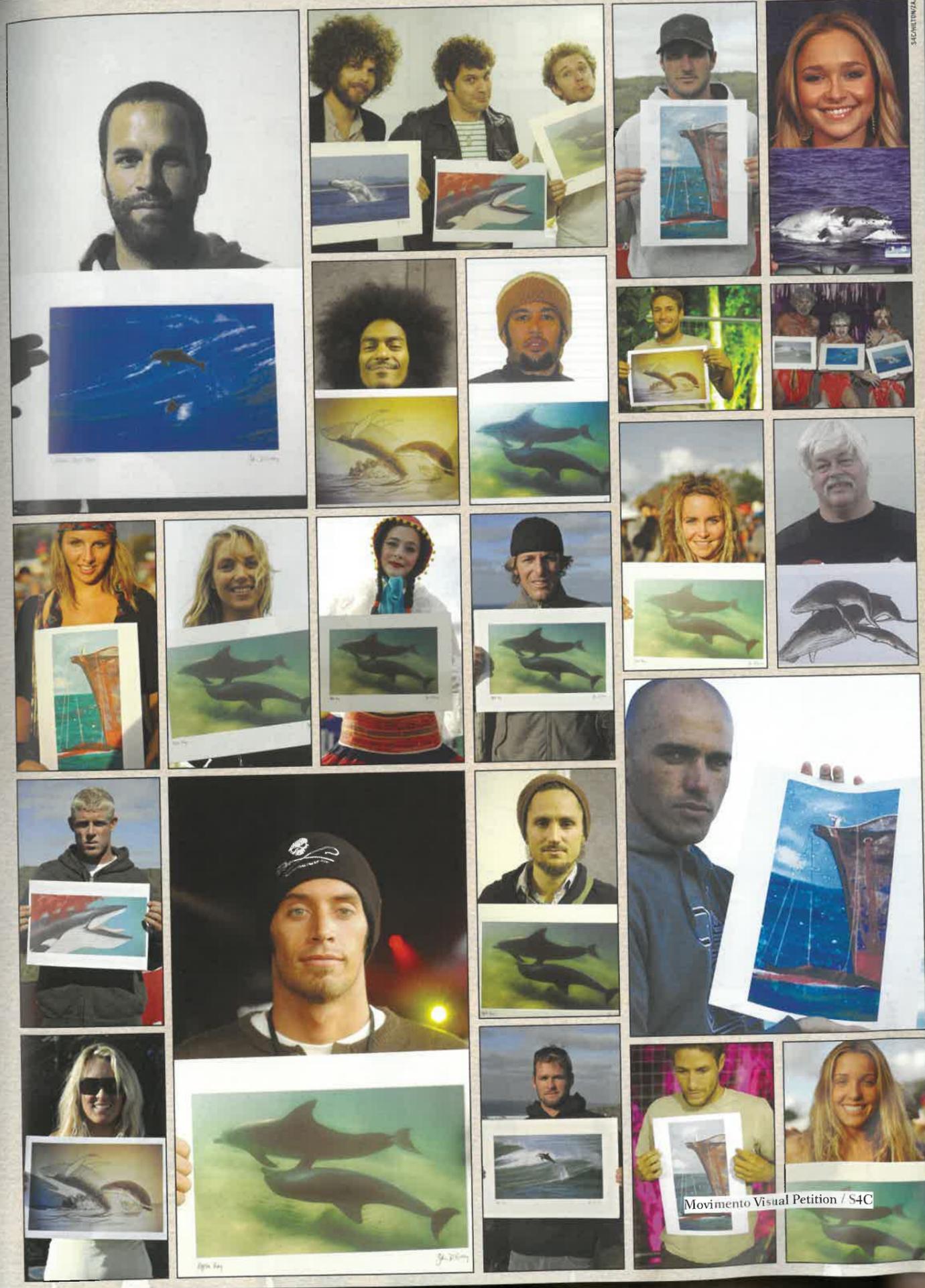
PELA PRIMEIRA VEZ, JAPÃO REPENSA A CAÇA ÀS BALEIAS

Apesar de estar em dívida, de o mercado não responder mais, do julgamento australiano, da condenação internacional e do sofrimento dos cidadãos japoneses por causa de tsunamis, terremotos e vazamentos nucleares, o Japão insiste na política de caça às baleias. Louie Psihoyos é enfático ao dizer que a grande ameaça às baleias no oceano Antártico é o Japão. "O Japão vem sendo a maior ameaça aos cetáceos nos últimos 25 anos. Se não existisse a Comissão Baleeira Internacional e os países que endossam este encontro, as baleias seriam os mamíferos mais ameaçados de extinção no mundo." Durante o IWC deste ano, realizado na ilha britânica de Jersey, países como Brasil e Argentina – com o apoio da África do Sul e outros países – manifestaram interesse em determinar o Atlântico Sul como área de preservação das baleias. Porém, a postura radical do Japão se opôs. "A delegação da América do Sul veio muito forte para o encontro, estamos muito orgulhosos deles. A grande ameaça é a indústria pesqueira japonesa, que insiste em subsidiar uma falida e desnecessária indústria baleeira", disse Justin Krumb. Relatórios do Ministério da Pesca do Japão mostram que uma minoria de representantes do organismo reconheceu que, após 25 anos, o país falhou. E propôs uma paralisação da irracionalidade. Oposição ferrenha, a Sea Shepherd obteve supremacia ao forçar os barcos japoneses a voltarem para casa antes do término da temporada de caça.

De acordo com a ONG, a meta nipônica estava em 850 animais, mas ficou nos 170. "A abordagem da Sea Shepherd é a única que tem funcionado na prática. Não endosso a violência, mas é bom saber que existe no mundo um seleto grupo de pessoas que arriscam a vida no oceano por causa dessas criaturas. E os baleeiros japoneses sabem disso, e têm medo de voltar ao oceano Antártico", declarou Louie Psihoyos. Enquanto os japoneses enfraquecem e repensam sua atitude diante da caça baleeira, a Sea Shepherd, cada vez mais estruturada, conquista adeptos ao redor do globo – e seguirá firme na luta. As palavras são do capitão Paul Watson: "Vamos retornar ao Antártico e demonstrar que a nossa vontade e determinação para salvar as baleias continua mais forte do que a luxúria gananciosa dos baleeiros. Temos investido sete anos nesta campanha e um total de 24 meses no oceano Antártico em busca do objetivo: afundar economicamente a frota baleeira. Vamos salvar o Santuário de Baleias do Oceano Antártico".

www.opsociety.org
seashepherd.org.br
www.mindsinthewater.com
www.visualpetition.com
www.s4cglobal.org

COPYRIGHT © MASSA LUTUOSA - ALL RIGHTS RESERVED WORLDWIDE



Movimento Visual Petition / S4C

www.mormaii.com.br

ORBIXXXY
CHEST ZIP

HEITOR
ALVES
WT Pro Surfer

2/2mm
s303 obx

GUILHERME
TRIPA
Freesurfer - Pro

Mala
ECO

Mochila
SURF

SHORT JOHN

MANGA CURTA



2/2mm
s204 obx

SHORT JOHN

MANGA LONGA



2/2mm
s206 obx

LONG JOHN

VARIAÇÕES:



2/2mm
s305 obx



3/2mm
s306 obx

mormaii



mormaii



MORONGO

RICO DE SOUZA

PICURUTA SALAZAR

LONGEVIDADE E ADRENALINA

por Adriano Vasconcellos

Brasileiros do surf, conhecidos por suas histórias vitoriosas e duradouras ligadas à praia. Morongo, Rico de Souza e Picuruta Salazar, pegadores de ondas, exemplos claros de surfistas que construíram caminhos de sucesso. Escolhas acertadas que vão muito além do plano material, onde construíram seus negócios e patrimônio. O espírito para eles está em primeiro lugar.

Três visionários que têm na união com a natureza o segredo da longevidade. Na vida deles, tudo acontece para ficarem o maior tempo possível dentro do mar, pegando ondas – altas –, velejando, remando, mergulhando, criando e brincando com a família à beira-mar. Entre seus perfis, a distância está apenas em suas origens dentro do território nacional. Homens do mar que ganharam o mundo. Mundo este que os ganhou de presente.



Morongo, Hawaii



Rico de Souza, Mentawai



Picuruta Salazar, Tahiti

LONGEVIDADE DE AMOR AO MAR

JAMES THISTED



No surf e barco, Morongo navega a bordo do Destino Azul.
Na foto antiga, as primeiras costuras da Mormaii

MORONGO

Morongo é um exemplo de vida dedicada ao mar. Gaúcho, despertou o amor pelo surf nas ondas de Torres ainda quando bem jovem. Estudioso, logo se formou em medicina pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Criativo, trabalhador, inovador, colocou em prática as primeiras vontades de viver na praia ao viajar em direção de Garopaba, litoral de Santa Catarina. Apaixonou-se pelo vilarejo que comportava pelo menos três ótimas opções de ondas: Silveira, Ferrugem e praia do Rosa. Lá pelo roots ano de 1974, montou base e começou a atuar no posto de saúde da vila, para servir ao povo e ficar mais próximo do mar. "Sou do signo de Peixes. Meu nome é Marco Aurélio Raymundo, de iniciais M-A-R, ou seja, sou bicho d'água. Desde tenra idade pratico esportes n'água. Se ficar alguns dias fora do ambiente líquido, eu seco. A vida na praia é uma válvula de escape, minha fonte de saúde física e espiritual", conta Morongo. Naquele tempo, para suportar as águas gélidas daquele litoral, começou a costurar roupas de borracha no fundo do quintal de sua casa. Daí pra frente, com muita visão, deu naturalidade a sua liderança e construiu um império que se chama Mormaii. Muito mais do que roupas e acessórios, a marca produz e distribui internacionalmente o que se imagina de produtos de alta tecnologia para esportes aquáticos, moda e outros. E além disso, big-rider, Morongo investe e dissemina sonhos. O apoio a projetos – como o Destino Azul, em que os surfistas Flávio Jardim e Diogo Guerreiro viajaram o mundo a bordo de um catamarã em busca dos paraísos de ondas; o Projeto Karumbé, que atua na proteção das tartarugas-do-mar e na conscientização do ser humano, com base na fronteira Brasil-Uruguai; e o Projeto Amazônia, uma parceria com o PDBFF (Projeto Dinâmica Biológica de Fragmentos Florestais) do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA), com foco na preservação da maior floresta tropical do mundo – faz da Mormaii uma referência e mostra a diversidade de atuação da empresa. A escolha de esportistas que estão comprometidos com a essência lapidou os alicerces da proposta de Morongo – cuja imagem e filosofia estão totalmente ligadas à Mormaii. Na família, amigos atletas como Everaldo 'Pato' Teixeira, Fábio Gouveia, Carlos Burle, Kauli Seadi, Lawrence Wabba, Sylvio Mancusi, Karol Meyer, Leco Salazar, Guilly Brandão e Heitor Alves, entre os importantes nomes do esporte, com ações estrategicamente espalhadas pelo Brasil, em

locais até como revolucionariamente Brasília, Morongo transmite o seu ideal. "A minha busca está nas ondas e muito além delas. Nós, seres humanos, fomos criados para desenvolver níveis de consciência. Senão teríamos, como os cachorros, um nariz gigante para melhor cheirar ou olhos de águia para melhor enxergar. Não precisaríamos de roupas e viveríamos como os animais. O que temos de melhor é nosso cérebro e a capacidade de pensar, questionar e principalmente contemplar. Isso é realmente fantástico." Morongo é hoje apontado por muitos, entre eles pelo publisher desta ALMA SURF, Romeu Andreatta, o melhor surfista em Sunset quando as ondas crescem, agora aos 61 anos de idade, e já há um bom tempo nas últimas temporadas havaianas. Big-rider vidrado em esportes no mar e no surf de ondas grandes, Morongo abre o pensamento para a longevidade. "Primeiro temos que entender que o fator mente-corpo depende um do outro. Um é suporte para o desenvolvimento do outro. Praticar esportes (yang) é bom, mas dedicar-se às atividades mentais como a arte, tocando algum instrumento musical (yin), é o ideal para o equilíbrio. A ioga ajuda a seguir os preceitos de seu fundador: não mentir, ser pacífico, não ser ganancioso nem promíscuo. "Desenvolver a espiritualidade superior e ajudar os outros é melhor para elevar", ensina o mestre. "Longevidade é sinônimo de qualidade de vida. Não importa o quanto se vive, mas como se vive. Quando se tem qualidade de vida, a longevidade cronológica passa a ser um bônus natural." Morongo, na remada ao outside da plenitude, dá dica sobre a conquista do tema central desta revista. "Poderíamos ter zilhões de explicações, mas prefiro a dos xamãs do antigo México: 'O melhor conselheiro da vida é a morte'. Ter consciência da fragilidade e da impermanência de nossa vida e de tudo que nos rodeia é viver plenamente aqui e agora. A vida é uma experiência mágica!"

"Longevidade. Poderíamos ter zilhões de explicações, mas prefiro a dos xamãs do antigo México: 'O melhor conselheiro da vida é a morte'. Ter consciência da fragilidade e da impermanência de nossa vida e de tudo que nos rodeia é viver plenamente aqui e agora. A vida é uma experiência mágica!" – Morongo

JAMES THISTED



RICO DE SOUZA



Rico de Souza, surf de alto nível nas ondas de Mentawai. É com os filhos Erick e Patrick

RICO DE SOUZA

Rico de Souza é o estereótipo do surfista carioca boa gente, que sabe viver. Totalmente ligado à praia e a natureza, trilhou seu destino amando o que faz: surfar. Filho de militar, Rico contrariou o gosto da família e decidiu seguir o caminho que imaginou, e é assim sempre, 'salgada-mente' ligado à praia. Ricardo Fontes de Souza nasceu em 1952, morava perto da Praia do Leblon, e desde criança estabeleceu seu envolvimento com o mar. Primeiro com o tradicional surf de peito, chamado jacaré, inspirado em cascas-grossas que botavam pra baixo nas ondas do Posto 5 de Copacabana, e depois no mergulho e na pesca submarina no Arpoador, quando começou a ter os reais contatos com o surf. Já com prancha de madeirite, frequentava as ondas do Pontão. E contaminado pelo surf fez da praia o seu lar. Rico foi um dos personagens do Pier de Ipanema, que marcou o Rio no início da década de 1970 e também a história da contracultura brasileira. "O lifestyle que eu tenho com o mar e o surf incorporou-se ao meu estilo de vida de uma maneira muito natural. Sou um apaixonado pelo mar. Minha relação com a praia sempre foi muito afetuosa e de respeito, porque a ressaca nos ensina nosso lugar e nos mostra a diferença de força. A praia é uma universidade da vida", me contou Rico, um dia depois de chegar de uma surf trip a El Salvador em que pegou ondas de 12 pés e quebrou quatro pranchas. Assim é o Ricão, surfista, trabalhador incansável e sagaz nos negócios. Saiu do pier para ganhar festivais e outros muitos campeonatos. Tricampeão brasileiro de surf e longboard, vice-campeão mundial de longboard e um dos precursores do SUP no país, Rico, hoje aos 59 anos de idade, exibe estilo inconfundível e muita vitalidade nas ondas – grandes –, lapidados em mais de cem temporadas havaianas e em muitas outras viagens ao redor do mundo. Aliás, Rico é um embaixador do surf nacional. Empreendedor, exerce inúmeras atividades dentro do segmento. Apoiador de atletas, professor e dono da primeira escola de surf do Brasil, da moderna barraca de praia Rico Point, na Macumba, Rico é expert na arte de viver bem. Um homem frequentador do Guinness Book. Hoje o site *Ricosurf.com* é líder de audiência no Brasil, com a maior cobertura de praias da América. Mas as qualidades de Rico de Souza vão muito além da pessoa pública. Carismático, esse surfista de alma carrega a virtude de ser um homem polivalente, simples e muito educado. "Encaro a vida de uma forma espiritualizada. Acredito em um Deus maior, em ser feliz. A felicidade é uma equação muito difícil. Você tem que ter balanço para os amores que os cerca, como a família, o surf, o trabalho, saber se doar ao outro, ser gentil e cordial. Querer só sugar ou se deixar levar pelo egoísmo não leva a lugar algum. E muitas vezes o equilíbrio desses elementos só acontece com a maturidade, que somente se alcança quando se tem longevidade." Rico é pai dos surfistas Erick e Patrick, de 23 e 12 anos. O mais velho é excelente surfista, apontado por alguns como tube-rider, de estilo moderno e bem formado. Importantes conquistas recheiam seu currículo, além da fama de pegador de ondas em Pipeline, no Hawaii, que o credenciam para um futuro campeão maior. O irmão mais novo segue os passos do pai e vai dar continuidade ao clã. Rico gosta do dia, nunca foi chegado à noite. Independentemente das conquistas e do status, ele ensina aos filhos que ser homem é ter caráter. "É um caminho muito simples, que às vezes nós, homens, complicamos. A vida é como um rio que desemboca no mar. Viver com simplicidade é a melhor escolha. A simplicidade está na família, no aloha aos amigos, no oi, no bom dia, no pôr do sol, nas ondas, no vento, na natureza. Você planta o que colhe. Somos responsáveis pelo nosso próprio julgamento". Rico afirma estar em busca da longevidade e de ondas ainda maiores. Com coração e coragem, altamente emocional sem perder a razão. E diz que o segredo está no conhecimento. "O segredo é a maturidade. Viver as coisas certas, estar em boas companhias e desafiar o mar, aproveitar todas as fases da vida e cumprir a missão maior, com dignidade entender as diferenças, saborear uma boa fruta, uma boa comida e um bom vinho, surfar uma boa onda, nos faz viver mais."



RICO DE SOUZA

"A vida é como um rio que desemboca no mar. Viver com simplicidade é a melhor escolha. A simplicidade está na família, no aloha aos amigos, no oi, no bom dia, no pôr do sol, nas ondas, no vento, na natureza. Você planta o que colhe. A filosofia de vida tem que ser correta, porque somos responsáveis pelo nosso próprio julgamento." – Rico

LONGEVIDADE DE AMOR AO MAR

Picuruta Salazar esbanja estilo nas pesadas ondas de Sapinus, durante o Sapinus Pro, terceira etapa do Stand Up World Tour no Tahiti'11. E com os filhos Leco e Mateus

PICURUTA SALAZAR

Picuruta Salazar representa o legítimo surf de alto nível da cidade de Santos, litoral sul de São Paulo. Já são 50 anos muito bem vividos e muita história pra contar, e os múltiplos títulos de sua carreira esportiva falam por ele. De origem humilde que se agigantou nas ondas do mundo, sempre com boa postura e muito surf, Picuruta já pode ser considerado uma lenda. “O surf me deu visão para o mundo e permitiu que eu me transformasse numa pessoa reconhecida. Muito mais do que isso, agradeço a Deus por eu levar a vida de surfista, pois sou um homem do mar, com a vida totalmente dedicada à praia.” Um cidadão que serve de exemplo para todos os brasileiros, guerreiro, batalhador, que persevera, constrói família, surfa muito e ganha tudo em qualquer condição de onda, Picuruta é um eterno garoto, o mesmo que tocava o terror ‘nas ondas’ da Baixada. Como já disse Reinaldo Andraus em reportagem num dos especiais da ALMA SURF, “Picuruta é da linhagem dos grandes atletas brasileiros. Competir está incrustado em sua alma (de surfista). No mais elevado nível pro. E, depois, na categoria a que pertencer, sempre vencendo, em qualquer idade, com longevidade”, disse já prevendo talvez o tema desta edição o excelente Dragão. Aliás, como um amante do esporte, deve estar orgulhoso das últimas investidas de Salazar, que pegou ondas históricas no último mês de maio no ‘secret spot’ de Sapinus, no Tahiti, e mais uma vez cravou uma performance histórica, agora aos 50 anos. É, o nível sobe! Inacreditáveis drops de backside de SUP do ‘Gato’, apelido de Picuruta – num parrudo swell em que até Laird Hamilton deu as caras de tow-in – colocaram o santista em tubos de 12 pés plus. E neste ano já foram Hawaii, México – insano –, El Salvador em companhia de Rico de Souza e outras investidas. Rico chegou a postar em seu blog o que Picuruta lhe contou: “Sufoco geral! Em 40 anos de surfe, foram as ondas mais cascas-grossas que já surfei, sendo ainda mais difíceis do que as do Havaí e Puerto Escondido, no México”. Isso é longevidade. E assim fala Picuruta: “A vida é uma passagem pela terra, onde Deus me colocou, numa missão de passar toda ela dentro do mar. O surf preenche minha vida, sou grato por conviver com o mar, é tudo pra mim”. Alexandre Salazar Junior continua, de forma vigorosa, a sua caminhada por títulos e recordes, como as lendas do surf na pororoca ou nas bancadas de J-Bay, mesmo que não precise provar nada para ninguém. Ele está sempre em busca de surfar mais e mais. “Construí minha história com talento e muita dedicação, sempre acreditando nos meus sonhos. Minha família é dedicada ao surf. Batalho duro para me manter entre os melhores. Todos nós temos um ideal. E o meu são as conquistas. Todos deveriam ser assim, passar os obstáculos e buscar os caminhos da vitória.” Picuruta é mesmo um homem de família. Casado com Karen, é pai de três homens, Caio, 25, o músico da família; Leco, 22, e Mateus, 19, dois surfistas com futuro promissor. O primeiro vem subindo frequentemente os degraus dos pódios de importantes competições e etapas, como na França, Hawaii e Brasil,

dominando o SUP e dividindo ondas com feras da velha e da nova geração. Picuruta se orgulha dessas pessoas. “A família é o carro-chefe, é o alicerce do sucesso. Quem não tem estrutura não suporta a fama ou a falta dela. Na família é que está o segredo”, entre muitos segredos dessa figura. “O segredo é se manter vivo e com saúde. O segredo é saber curtir todo momento, não se arrepender do que não fez, e fazer tudo o que quer fazer.” Para Picuruta, Rico de Souza, Morongo, para você que está lendo esta história, desejo a todos longevidade no surf. E finalizo com as palavras do próprio mestre Salazar: “Cabeça boa é o bem de tudo. Para uma vida plena e cheia de adrenalina não existem segredos aos 50, 60 ou 70 anos. Só Deus sabe o nosso destino”.

“Sufoco geral! [Sapinus, Tahiti] Em 40 anos de surfe, foram as ondas mais cascas-grossas que já surfei, sendo ainda mais difíceis do que as do Havaí e Puerto Escondido, no México. A vida é uma passagem pela terra, onde Deus me colocou, numa missão de passar toda ela dentro do mar. O surf preenche minha vida, sou grato por conviver com o mar, é tudo pra mim.” – Picuruta

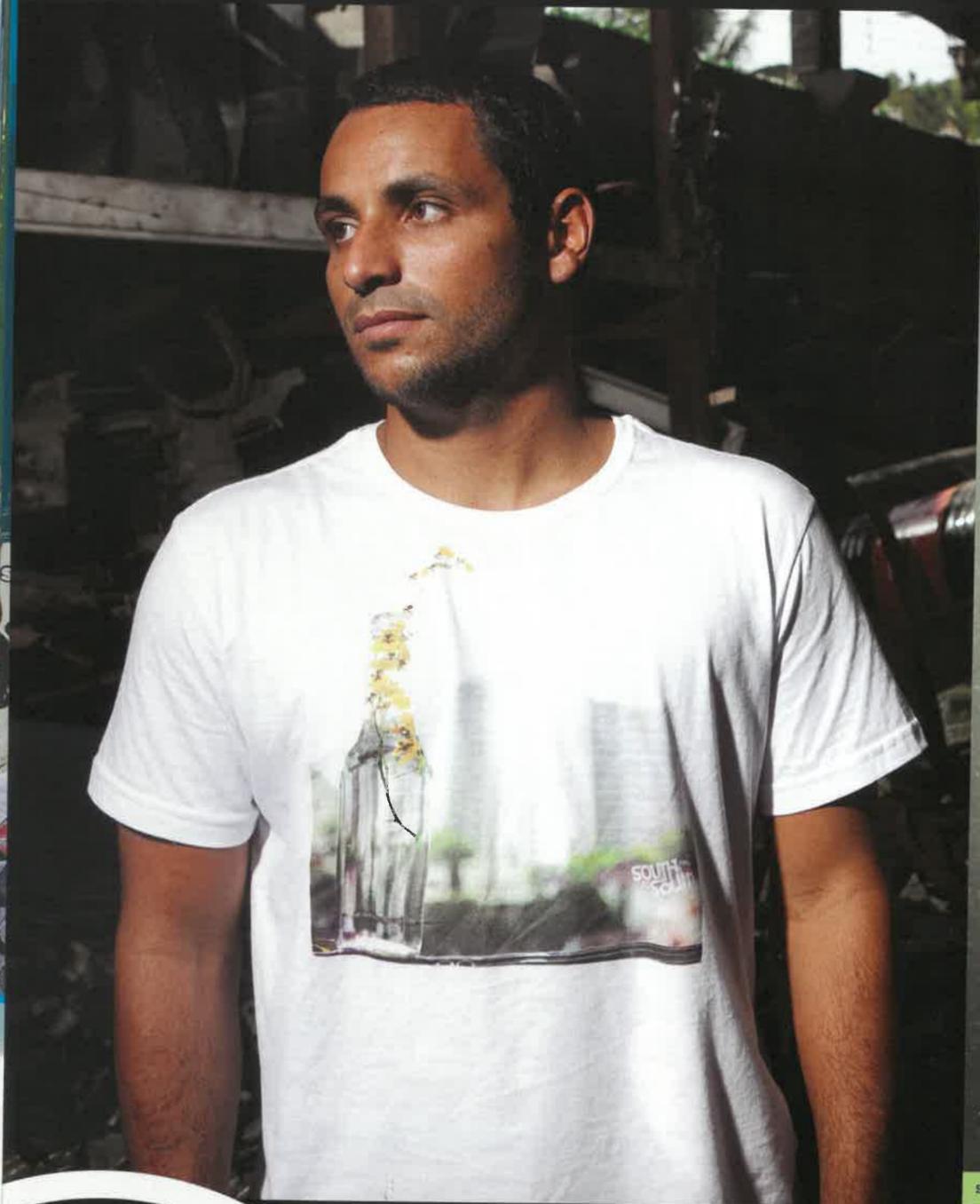
TIM MCKENNA / WATERMAN LEAGUE



TIM MCKENNA / WATERMAN LEAGUE

40

TIM MCKENNA / WATERMAN LEAGUE



Atleta: Guilherme Sodré
facebook/southtosouth

southtosouth.com.br

Foto: Aleko



LiquidBOX

SOUTH
to **south**



LAIRD HAMILTON

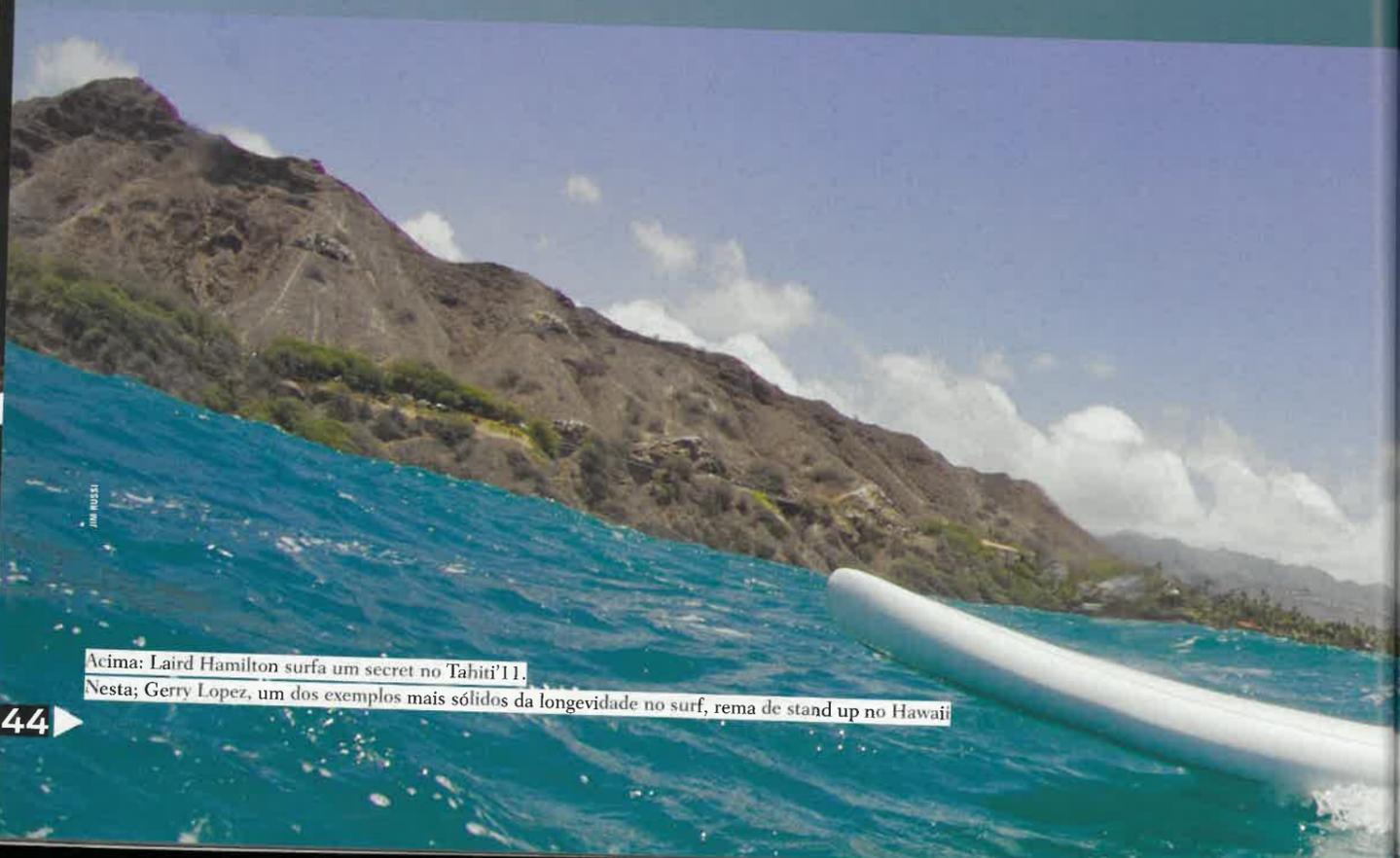
por Ben Marcus de Malibu, CA



GERRY LOPEZ

AS ÚLTIMAS FRONTEIRAS DO CORPO E DA MENTE

Aos 47 anos, Laird Hamilton é um dos melhores big-riders da atualidade – e um dos watermen mais inovadores de todos os tempos. Com 63 anos, o mestre de ioga Gerry Lopez pega tubos na Indonésia, salta sobre fendas nas montanhas de Oregon e rema de sup no Hawaii. Inspirações e filosofias de duas lendas do esporte que parecem ignorar a passagem do tempo para superar as severas condições enfrentadas pelo corpo com o passar dos anos



Acima: Laird Hamilton surfa um secret no Tahiti'11.
Nesta; Gerry Lopez, um dos exemplos mais sólidos da longevidade no surf, rema de stand up no Hawaii



Laird Hamilton se alimenta muito bem. Exageradamente bem. Quando está em Malibu – geralmente ao apontar o primeiro swell da temporada havaiana – ele vai frequentemente a uma cafeteria chamada Coogies, que não fica exatamente do seu lado da cidade. Laird costuma circular pelas redondezas de Latigo Canyon, e surfa pelas praias de Paradise Cove e Point Dume. A alimentação balanceada é tão importante para Laird quanto a gasolina é para um corredor da Nascar, ou como doces bananas para um gorila faminto. Certa vez eu conversava com Laird no Coogies quando ele pediu seu café matinal: um grande prato de claras de ovos batidas e uma tigela de aveia. Ele despejou tudo numa bacia maior, salpicou passas e mel por toda a bacia de fibras e proteínas, e, como dizem os australianos, raspou o prato. Laird Hamilton come muito bem porque precisa de combustível de qualidade para o dia, que é dividido entre sua família, trabalho, projetos, exercícios físicos e mentais. Laird tem 47 anos de idade, mede 1,91 m e pesa 97 kg. Ele tem um corpo notavelmente em forma, que ao mesmo tempo é funcional, flexível e saudável, porque, enquanto está treinando no verão, tem apenas uma coisa em mente: o inverno no Hawaii, em ser rebocado em ondas gigantes em Pe'ahi / Jaws e outros out reefs. Laird sabe bem o que essas ondas exigem do corpo, e que precisa estar em forma e muito bem oxigenado para sobreviver aos wipeouts. Mas por trás disso, como todos nós, Hamilton não quer ficar velho nem fraco. Ao contrário da maioria das pessoas, ele está disposto a fazer o que for preciso para ficar na melhor forma possível, na plenitude. Com quase 50 anos, ele é um dos maiores big-riders e o mais inovador atleta aquático do planeta. Pratica tow-in, kitesurf, foil boarding, SUP e, agora, remada oceânica. Esse estilo de vida sazonal foi fundamental no desenvolvimento de sua filosofia e de suas estratégias para manter-se fisicamente autossuficiente – em especial se considerarmos sua performance em Jaws, onde ele é praticamente intocado ao surfar ondas de mais de 25 pés. Além disso, é a sensação de Teahupoo dez anos depois de ter surfado a onda do milênio, que deu largada à corrida louca em que se transformou o Billabong XXL Big Wave Awards.

ENTRE A CALIFÓRNIA E O HAWAII

Na primeira vez que vim para Malibu – pra ficar –, em 2003, me perguntei: “O que será que Laird Hamilton estará fazendo aqui no verão. Por que alguém como ele deixaria o Hawaii?”. Bem, em 1996, ele se casou com a bela jogadora de vôlei Gabrielle Reece, e eles se mudaram para uma casa em Latigo Canyon. Em 1997, ele passou a viver sua vida de temporadas duplas – passava seis meses na Califórnia e seis meses no Hawaii. Qualquer que tenha sido a razão para ele ter adotado esse lifestyle, foi nessa época que Laird começou a testar um novo tipo de remada e um jeito diferente de disputar as ondas, estilo lapidado em Maui. Ele explicou a origem do surf de stand-up paddle em uma entrevista publicada no livro *The Art of Stand-Up Paddling*. “Acho que o começo de tudo tem a ver com o nascimento da minha primeira filha [Izabela, da primeira mulher de Laird, uma brasileira], em 1995. Eu queria levá-la para fazer tandem surf, e Bill [Hamilton, pai de Laird] construiu essas pranchas de 12 pés. Antes de colocar minha filha na prancha, eu queria surfar e me acostumar primeiro. Literalmente, eu surfava em Hookipa, e o vento me arrastava de volta ao line-up. Eu ficava em pé e não queria voltar mais a remar deitado. Eu só queria ficar naquela posição. Ereto.” Laird deu início então aos seus testes com a prancha de tandem. Em pé sobre a prancha, ele se locomovia com um remo de canoa – mas o remo era muito curto e a prancha, muito estreita. Laird e Dave Kalama começaram a praticar a nova modalidade em Maui, e então outros se juntaram a eles. Quando veio para a Califórnia, descobriu que esse novo tipo de surf de stand-up paddle era perfeito para o verão de Malibu, onde normalmente as ondas são pequenas. E descobriu também que a prática é um ótimo exercício para os músculos do pé ao pescoço, e cabeça – e além de tudo, uma atividade divertida. “Para ficar em pé, remar e dropar uma onda, você emprega o quádruplo de força nas pernas em comparação ao surf convencional. Depois de um verão praticando stand-up paddle em Malibu, voltei para Maui, e minhas pernas estavam prontas para Jaws. Surfar ondas grandes tem tudo a ver com ganhar força nas pernas. E eu consegui essa nova força.” Laird não tinha como saber que o SUP se tornaria essa sensação que virou. Ele começou a praticar o esporte como mais uma de suas práticas esportivas, porque sempre preferiu esportes ao ar livre. Mas ele também gasta algumas horas por dia com “o circuito” – atividade descrita em seu livro *Laird Hamilton, Force of Nature. Mind, Body, Spirit. And, of Course, Surfing*, publicado em 2009: “Durante o verão, quando volto do Hawaii para a Califórnia, faço treinos na academia com mais frequência do que em qualquer outra época do ano. Encontrava-me todas as manhãs com um grupo de treino na academia de Don Wildman, e passávamos de duas a três horas fazendo um treinamento que chamamos de o circuito”. Laird definiu três maneiras de se fazer o circuito, com base no nível de forma física, humor e o objetivo de cada um. Os exercícios trabalham todos os grupos musculares: peitoral, perna, bíceps, tríceps, ombro, abdômen – feitos à exaustão. É assim que Laird passa suas manhãs em Malibu. E, por isso, precisa comer bem.

Laird em Jaws, Hawaii. Ele é um dos poucos que se sente confortável em bombas de 20 pés em Jaws



THE MALIBU MOB

Laird treina regularmente com um grupo chamado The Malibu Mob, que inclui atletas, atores e músicos, além do próprio fundador da rede de academias Bally's Fitness, Don Wildman – de 78 anos de idade –, e com o campeão de tênis John McEnroe, a estrela do rock Anthony Kiedis, vocalista dos Red Hot Chili Peppers, além de outras figuras. Alguns desses caras são atores ou músicos que precisam de energia no palco e devem aparecer bem diante das câmeras. Outros são atletas profissionais que têm que se manter em forma ou lutar contra as lesões da idade. Laird trabalha com atletas olímpicos e também com aqueles que precisam de ajuda para fortalecer minimamente o organismo – como Rick Rubin, fundador da Def Jam Records e da American Recordings. Há dois anos, Rick Rubin tinha a aparência de um cara que passava a maior parte da sua vida em estúdios comendo pizza, cujo único exercício era bater os pés com as batidas dos Beastie

Boys ou do ACDC. Ele estava bem acima do peso, mas talvez tenha sido sua conexão com Flea e Anthony Kiedis (Red Hot Chili Peppers) que o levou a se mudar para Malibu, onde se envolveu com uma turma saudável e começou uma nova fase que provavelmente salvou a sua vida. Ele foi manchete não apenas por ser responsável pelo último álbum de Kid Rock, mais também por sua radical transformação física: perdeu 60 quilos. De acordo com um perfil publicado na GQ Magazine: "Rubbin se livrou do peso comendo peixe, shakes de proteína diet – e por treinar seis vezes por semanas com a lenda das ondas gigantes Laird Hamilton". Não preciso falar mais nada... Ao navegar pela internet, é fácil achar fotos de Rubin fazendo stand-up paddle com Flea e outros membros do Malibu Mob, e, de acordo Laird, o SUP teve papel fundamental na transformação de Rubin: "Eu não fiz isso para o Rick Rubin. Ele fez isso para si mesmo."

"Quando me pego com pensamentos sombrios, faço algo físico relaxante, como pedalar ou remar pela costa." - Laird. Na foto, o surfista "relaxa" em Teahupoo

LAIRD E LOPEZ: EM BUSCA DO EQUILÍBRIO

Treinar duro, comer bem e se manter em movimento. Laird trabalha nisso todos os dias, focado com o que vai rolar na temporada de ondas. Mas ele também pensa no futuro, porque ama suas atividades e quer fazê-las pelo máximo de tempo possível. Como Kelly Slater, que tem quase 40 anos, e Gerry Lopez que tem 63 anos. Laird desafia os limites da idade – e busca continuar ótimo, rápido e extremo nas próximas décadas. Olhando pra frente 15, 30 anos, Laird se inspira em dois homens que treinaram com consciência para manter sua força e resistência até os 1960, 1970 anos. Um desses homens é Gerry Lopez, que completou 63 anos e continua forte o bastante para fazer snowboard nas montanhas de Oregon e surfar no Hawaii e por todo mundo. Laird e Gerry têm a mente similar, mas o corpo muito diferente. Laird tem 1,91 m e 97 kg, enquanto Gerry tem 1,68 m e pesa 61 kg bem distribuídos, com elegância. Mr. Lopez tem uma filosofia similar à de Laird: de se manter forte, flexível e lutar contra o sedentarismo imposto pela idade. “Mudamos para Oregon. Foi lá que criamos nosso filho e vivemos desde então. Moramos perto de uma grande montanha onde se usa o esqui, e amamos a neve. Passamos a maior parte do nosso tempo praticando snowboard”, diz o mestre Gerry. Em recente declaração à grife Patagonia, de outro longo homem, Yvon Chouinard, ele diz ainda: “Surfar é o meu passatempo favorito. Recentemente me encantei pelo SUP, modalidade que

pratico sempre que posso. São esportes que dão força e equilíbrio”. Em uma comparação, viver em Oregon para um surfista como Gerry seria como Fabinho Gouveia se mudar de Florianópolis para Brasília. Lopez sempre diz: “A chave para o surf está na remada”. E por isso é normal ele ser visto remando sozinho pelos rios de Oregon. Mas agora é muito mais provável vê-lo praticando SUP por horas e horas, como que um passatempo mental. E, quando as ondas estão boas, embarcar em surf trips rumo à costa litorânea da Califórnia. Lopez tem 63 anos e ainda é um mestre de ioga, capaz de flexionar o corpo de tal maneira que deixaria Kelly Slater boquiaberto. Em maio de 2009, Lopez publicou Surf Is Where You Find It, similar ao Force of Nature – livro de Laird, no qual ele prega sua filosofia a respeito do surf, da idade e de como ficar em forma e se manter em movimento. “Comecei a acreditar que o surf é tão profundo e significativo quanto você acreditar. Ao mesmo tempo, o surf é bastante superficial e descontraído – característica das diversões mais puras. Então, ensino: ‘Faça isso por qualquer razão, mais não pare’. A vida continua e o surf é a neve são eternos, e quase impossíveis de se prever. O surf está onde você o encontra, mas ele está sempre lá. Se você não estiver nos mares ou nas montanhas em um dia em particular, ainda assim o surf estará sempre na mente e no coração de quem o pratica. Deslize e eieve o espírito. O melhor surfista é aquele que mais se diverte.”

“Eu surfo há quase 50 anos. É quase a minha vida inteira, é minha carreira, tudo que eu sempre quis fazer. O surf é uma experiência particular, entre você, o oceano e sua prancha. Você tem que manter uma frequência; surfar é um constante processo de tirar as coisas ruins de você. É necessário muito trabalho e muitos anos para ficar realmente bom.” - Gerry Lopez



Gerry Lopez “relaxa” com o stand up paddle no Hawaii. Lopez também pratica o surf de SUP nos rios de Oregon: “O segredo do surf está na remada.”

LAIRD HAMILTON E GERRY LOPEZ

PAIXÃO: A ESSÊNCIA DE TUDO

Gerry Lopez pega tubos e salta sobre fendas na neve aos 63 anos, mas, se buscarmos inspirações que vão além, uma das grandes influências de Laird, senão a maior, é o seu amigo Don Wildman, atleta ativo com quase 80 anos de idade. O exercício físico faz parte da natureza de Wildman, que fez fortuna ao ampliar e vender sua rede de academias (mais de 200), que foi comprada pela Bally's, na década de 1990. A vida de Wildman é uma longa história de 78 anos, mas, para simplificar as coisas, ele nasceu na década de 1930, em Los Angeles. Wildman jogava futebol, mas brigas dentro e fora do campo encerraram sua carreira. Ingressou no exército em 1950; foi mandado para as linhas de frente da Guerra da Coreia, onde quase morreu em seu primeiro dia de batalha. Durante a guerra, ganhou 13 quilos de puro músculo, e quando voltou, inteiro, mudou radicalmente seu lifestyle com trabalho duro e comprometido com a missão de se manter saudável. Durante os anos 1950, as academias não eram ainda muito populares nos EUA. Wildman se aposentou oficialmente dos negócios em 1994, após os 60 anos de idade, não porque estava entediado, mas porque os negócios atrapalhavam seus horários de praticar snowboard. Participou do Ironman em 1982, e a partir daí começou a treinar triatlo. Desde a primeira competição, perdeu para um 'rival' canadense, o mesmo esportista que o venceu por sete anos consecutivos. Até que, com os brios feridos, Don finalmente o superou na oitava tentativa. Wildman é a pessoa em que Laird busca inspiração. Enquanto Laird avança de seus 40 para 50 anos, Wildman chega à casa dos 80 como um homem capaz de superar fisicamente homens com um quarto de sua idade. Wildman é o líder do 'circuito'. E, para completar suas atividades diárias obrigatórias, ele e Laird ainda queimam mais calorias em expedições de bike nas montanhas de Santa Monica. Laird busca a longevidade. Por quantos anos ele estará entre os melhores surfistas do mundo? Por quanto tempo ele poderá lidar com os wipeouts em Teahupoo ou Jaws? Não sabemos, nem mesmo ele. Mas Laird está focado no futuro. Toda filosofia desse grande surfista está publicada em *Force of Nature*, em que revela sua inspiração nos 'velhos magos', como Gerry Lopez e Don Wildman. Diz Laird: "Para encontrar a paixão você tem que olhar para dentro de si. Se olhar para fora, tudo o que verá é o que as outras pessoas estão fazendo. E você não é as outras pessoas. Nossos dias foram feitos para diversão. Se perde a linha, perde a essência de tudo. Construir experiências ricas e se deixar impressionar pelo que está ao seu redor são o caminho para a alegria. A última coisa que vai fazer é olhar para trás e pensar que podia, iria ou deveria ter feito algo. Viver uma próspera vida. Ter família e saúde. E aproveitar a jornada."



Nossos dias são feitos para serem divertidos. Acho que uma vez que você perde esta linha, perde a essência de todo ideal. Se você construir uma riqueza de experiências e se deixar impressionar com tudo que está ao seu redor, a alegria será inevitável. - Laird

Nesta: Gerry Lopez, o 'Rei de Pipeline', inspiração de Laird Hamilton, é ídolo de muitos surfistas pelo planeta.
A direita: Laird Hamilton com a prancha de remada oceânica criada em parceria com a PUMA, feita a partir de fibra de carbono.



Laird em Teahupoo, como um maestro que rege sua orquestra.
Com a mesma calma e segurança de sempre, esse 'Super-Homem' surfa a massa d'água no Tahiti, que se curva à sua vontade. 

"Se você acha que não é capaz de fazer algo. Você está certo. E se acreditar que tudo pode ser melhor e enxergar a beleza ao seu redor, está certo também. Basta cultivar os pensamentos em sua mente. Você lhes dará vida. É simples assim." - Laird



APRESENTA:

1º DESAFIO WATER MAN

10 E 11 DE SETEMBRO
SÃO SEBASTIÃO / MARESIAS / SP

PATROCÍNIO

BILLABONG.

rider

almasurf

PATROCÍNIO DE MÍDIA



almasurf.com

APOIO



SECRETARIA DE ESPORTE, LAZER E JUVENTUDE

GOVERNO DE SÃO PAULO

OS MELHORES WATERMEN DO BRASIL E DO MUNDO. EM UM FINAL DE SEMANA NA BADALADA PRAIA DE MARESIAS, QUE RECEBE AS PROVAS DE NATAÇÃO EM MAR ABERTO, CANOA HAVAIANA, STAND UP PADDLE E SURF, ALÉM DE OUTRAS ATIVIDADES NA PRAIA. VENHA CELEBRAR EM ÁGUAS BRASILEIRAS O VERDADEIRO ESPÍRITO DOS LEGÍTIMOS HOMENS DO MAR.



CANOA HAVAIANA



SUP



SURF



NATAÇÃO

O JAPÃO

ANTES DO TSUNAMI

UM NOVO CAMINHO PARA A LONGEVIDADE



"O Japão é encantador. No inverno, neva pesado. As ondas são vazias. O silêncio prevalece, e tudo o que se ouve é o barulho da neve caindo no chão." - Joe Curren

texto, legendas e fotos Joe Curren

Tive o privilégio de surfar em Hokkaido, segunda maior ilha do Japão, ao lado de meus amigos Dan Malloy, Brian Nevins e Warren Smith. Fui contemplado com o melhor da hospitalidade dos japoneses, que, pouco tempo após a minha visita, sofreram o drama de uma tragédia com potencial destrutivo comparado ao das grandes Guerras Mundiais – o tsunami de 11 de março, que precedeu um rastro radioativo. Agora, fico me perguntando como será que estão meus amigos, os surfistas que conheci pelo caminho, e os picos solitários de ondas em que surfei. O termo 'longevidade' – que ancora esta edição – certamente adquiriu outro significado para os japoneses, que viveram o desastre e agora encaram o desafio de renascer e superar o trauma vivido. Bom surf.



O JAPÃO ANTES DO TSUNAMI

No conforto da minha cama em Crescent City, na Califórnia, meu telefone toca às quatro da manhã. Ao mesmo tempo, as sirenes fazem barulho na cidade. É estranho dizer isso, mas ouvir o telefone tocar tão cedo me preocupa. Atendo a ligação e descubro que é um amigo meu de Brookings, outra pequena cidade costeira, localizada 20 milhas ao norte da fronteira de Oregon. Ele me fala que um terremoto da magnitude de 9 graus acaba de atingir o nordeste do Japão, e que um tsunami atingiria nossa costa por volta das 7h30. Isso explica as sirenes. Elas funcionam como um sistema de alerta de tsunamis, implantado após o terremoto de magnitude 8,8 que atingiu o Alasca em 1964. Crescent City é o ponto mais a oeste dos EUA fora do Alasca e o Hawaii. Há também um cânion submerso que ultrapassa a costa e vai o oeste a leste, chamado zona de fratura Mendocino. Um cânion estreito, que funciona como um "funil" para tsunamis, e faz com que a cidade de Crescent seja a primeira, e às vezes a única da Costa Oeste, com potencial para ser atingida por um tsunami. Minha casa fica a pouco mais de 2 quilômetros da praia, então estou seguro. Mas o destino daqueles que vivem próximo da beira-mar apenas o tempo dirá. Depois de duas semanas de chuvas intensas, o tempo ficou calmo e ensolarado. O governo emitiu um mandado de evacuação, mas as pessoas ainda estão nas ribanceiras, na esperança de ver alguma onda gigante se avolumando no horizonte. No final, não surgiu nenhuma onda gigante, mas ao longo do dia houve períodos repentinos de marés baixas e altas – sem dúvida, os picos mais altos e baixos que já presenciei, com apenas alguns minutos de diferença entre uma e outra. Quando a água recuava, vi pedras gigantes no solo que eu nem pensava que existiam. Nenhuma casa foi danificada, mas o porto e vários

barcos foram destruídos, bem como algumas docas no porto de Brookings. Um homem foi varrido para o mar e se afogou, porque chegou muito perto da água enquanto fotografava o fenômeno. Mas esses eventos não são nada se comparados com o aconteceu no Japão, que em 11 de março deste ano sofreu um terremoto de 8,8 graus na escala Richter, seguido por um tsunami que atingiu o litoral nordeste do país e se tornou o pior desastre natural desde a Segunda Guerra Mundial. Segundo o último boletim da polícia japonesa, o número de mortos ultrapassou a marca dos 10 mil e o de desaparecidos, dos 17 mil. Inevitável pensar que pouco tempo antes da catástrofe eu surfei no litoral japonês, desfrutei da hospitalidade da população local e convivi com pessoas gentis e maravilhosas. O Japão é um epicentro, e foi atingido inúmeras vezes por terremotos. Os altos e coloridos prédios de Tóquio são construídos para aguentar os piores abalos sísmicos. Mas logo me vieram à cabeça as pequenas vilas de pescadores que visitei durante a surf trip. O que será que aconteceu com elas? Ainda em março deste ano, eram sentidos reflexos. De longe, acompanhei tudo com muita atenção pelos noticiários, internet, revistas e jornais... A extensão dos estragos aos reatores nucleares e a pergunta do que fazer com a água radioativa que foi usada para esfriá-los permanecem sem resposta. Todas essas preocupações se revelam um tremendo contraste com a quieta e pacífica Hokkaido, à qual visitei, com suas montanhas e paisagens costeiras. Neste momento, o resultado da conta entre dúvidas e respostas é desigual. Em vez de especular, prefiro me ater às experiências vividas pouco antes do desastre; momentos especiais que tive em companhia de meus amigos Dan Malloy, Brian Nevins, Warren Smith e dos locais Keigo e Abechan.

CHEGADA A HOKKAIDO

Cheguei a Hokkaido acompanhado de Dan Malloy, do fotógrafo Brian Nevins e do surfista Warren Smith. Era inverno, e o mundo estava coberto de neve, inclusive a própria praia. Os locais Keigo e Abechan nos encontraram no aeroporto. Keigo vestia uma pesada jaqueta para barrar o frio e botas Sorel. Ele veio de Tóquio usando um par de sapatos de lona, mas rapidamente percebeu que precisava de algo mais resistente para andar na neve sem molhar os pés. Conheço Keigo faz um tempo, esta é nossa segunda viagem a Hokkaido. Ele vive em Tóquio, onde é dono de uma companhia de roupas de borracha e representa shapers da Austrália e dos EUA. Do aeroporto, fomos almoçar na loja em que Keigo comprou suas botas Sorel. Era uma simples loja de sapatos alocada em um chalé de madeira, aninhado na neve, cercado por uma floresta de pinheiros. A maioria das casas e lojas de Hokkaido tem o mesmo estilo, semelhante a uma típica cabana canadense ou das regiões montanhosas do oeste dos EUA. As ruas aqui não são apertadas como em Tóquio. E é bom lembrar que, até o final do século 19, não havia nessa ilha cidade alguma – ela era totalmente isolada, sem ligações exteriores. Keigo chegou dois dias antes de nós, mas ainda não havia surfado. Um dia antes, foi andar de snowboard – pela primeira vez na vida. Hokkaido tem estações de esqui e snowboard de primeira classe, mas as melhores áreas ficam de três a cinco horas de carro da região onde estávamos. Mas devo adiantar que nosso principal objetivo é o surf. Quanto a Abechan, ele foi nosso anfitrião. Nasceu e foi criado em Hokkaido. Quando o conheci, morava em um pequeno apartamento de um quarto. Casou-se e mora agora em uma casa de praia, com aquecimento nos vasos sanitários e pisos. Ele até conseguiu alguns dias de férias – coisa rara para os japoneses – para nos levar para surfar. Abechan começou a esquiar quando garoto, depois passou ao snowboard e hoje tem o surf como seu esporte número um. Trabalha em uma distribuidora agrícola de cebolas e batatas. Além de Sapporo (maior cidade de Hokkaido), a paisagem nesta parte do Japão é em sua maioria repleta de florestas e montanhas, e muitas plantações. Todos os campos ficam cobertos com neve fresca, o que tornou a paisagem radicalmente diferente daquela da nossa primeira viagem.



"Nesta época do ano, tudo em Hokkaido está coberto de neve. No inverno, o Japão se revela um lugar de profunda reflexão, o lugar ideal para 'limpar' a mente." - Brian Nevins



Em sentido horário:
"Surfista local de Hokkaido assiste às ondas após uma sessão de surf;
Dan Malloy, meu amigo e companheiro nesta viagem, desenha anjos na neve;
Árvores de Kurosawa em Hokkaido" - Joe Curren

JAPAN WAVES

Hokkaido tem vários beach breaks e também ondas de boca de rio. É a principal razão de eu ter vindo para cá é a vontade de experimentar os point breaks. Ao viajar pela costa daquela região japonesa, dá para perceber que mais adiante a linha litorânea se curva e forma uma longa e estreita península, rodeada por montanhas cobertas de neve. É nas encostas dessas montanhas que ficam os picos de ondas. O mais bonito de tudo é observar a paisagem do line-up, com montanhas de mais de 1.500 metros de altura ao fundo – cenário que me lembra surfar em Yakutat, no Alasca. Talvez a maior dificuldade a ser superada para surfar no Japão seja realmente o frio. A temperatura da água não é nada convidativa na temporada de inverno, com temperaturas próximas de 0 C. Mas não tivemos muita escolha. Se quisermos fazer algum surf de qualidade no Japão, terá de ser no inverno. Nesta região de Hokkaido, a temporada de surf é curta: vai de novembro até o meio de janeiro, quando as tempestades saem da Rússia e formam o swell no mar de Bering. Depois do meio de janeiro, o mar se enche do gelo que derrete da Rússia, o que impede que as ondas quebrem. Essa ocorrência é o maior fluxo de gelo ao sul do hemisfério norte. Antes de embarcar, Keigo ficava me perguntando se eu queria que ele fizesse uma drysuit sob medida, roupa de borracha produzida com material semelhante àquele ao qual estamos acostumados, mas é diferente porque não adere à pele e impede que a água entre. Ela também vem com botas usadas por mergulhadores em águas extremamente frias. O único risco é se a roupa furar: você vai do seco ao frio extremo em segundos, e as consequências podem ser até fatais. No começo, achei que fosse besteira, mas ao sentir a temperatura da água fiquei arrependido de não ter pedido uma. Dan, Warren e eu temos roupas 6/4 mm encapuzadas e uma variedade de botas e luvas grossas. Confesso que a travessia na neve para chegar até a praia fez meus pés ficarem dormentes antes mesmo de tocar a água. Felizmente, acabamos descobrindo, na prática, que as roupas de borracha eram grossas o suficiente para nos salvar e que nossa temperatura corporal ficaria bem, mas com a impressão de que nossas mãos eram furadas por agulhas. Depois de pegar algumas ondas, meu sangue começou a circular e minhas mãos esquentaram. Mas os pés pioravam. Furar a onda era assustador. Demorei aproximadamente uma hora para pegar uma onda. Warren Smith, que cresceu surfando na costa do Golfo, na Flórida, ficou no mar por algumas horas e estranhamente disse que estava bem. Ele estava com uma bota de 7 mm, e depois de cada sessão de surf a regra era seguir para um banho quente e para uma casa de massas, o que se tornou ritual diário. O Japão tem muitas fontes térmicas nessa região, que fazem parte da cultura local, e no final a impressão é que a água mineral quente tem um potencial extremamente relaxante em meio a tanto frio. Além das sessões de surf, passeamos na floresta do Parque Nacional de Hokkaido. Vimos lindas raposas-vermelhas e gaivotas-de-bico-de-cana. Também o urso-pardo da região, parente próximo do urso-cinzento americano. Inspirado nos bichos, Warren insistiu e surfou um beach break. Dan e eu não entramos n'água porque tivemos certeza de que daríamos muitos joelinhos. Mas Warren curtiu o surf. Depois vimos outro pico de ondas que explodiam em um penhasco e paramos em uma foz que tinha um bom banco de areia, com ondas de quase 1 metro. Conhecemos um garoto de uns 13 anos que disse adorar a vista dos barcos de pesca descansando nas palafitas além do rio – com vista para montanhas cobertas de neve ao fundo. Ele disse que era raro conseguir enxergar tão longe em pleno inverno e que estávamos com sorte.

“Congelar pode ser uma coisa maravilhosa. Se você não pode lidar com o frio, vá procurar um trabalho em um escritório. Nunca me senti tão vivo em lugares quentes... e frios. Vista uma roupa de borracha grossa e vá surfar durante uma tempestade de neve, e poderá descobrir outras belezas da vida.” - Brian Nevins

“Meu amigo Keigo, que foi nosso anfitrião no Japão. Esta já é minha segunda viagem para cá, e posso falar com propriedade que os japoneses são os melhores seres humanos que você pode conhecer.” - Joe Curren.
À esquerda: Vista para o Monte Fuji em rota para Hokkaido: um clássico japonês



止別川保護水面基点口

TEMPESTADE DE NEVE E PAUSA PARA O CAFÉ

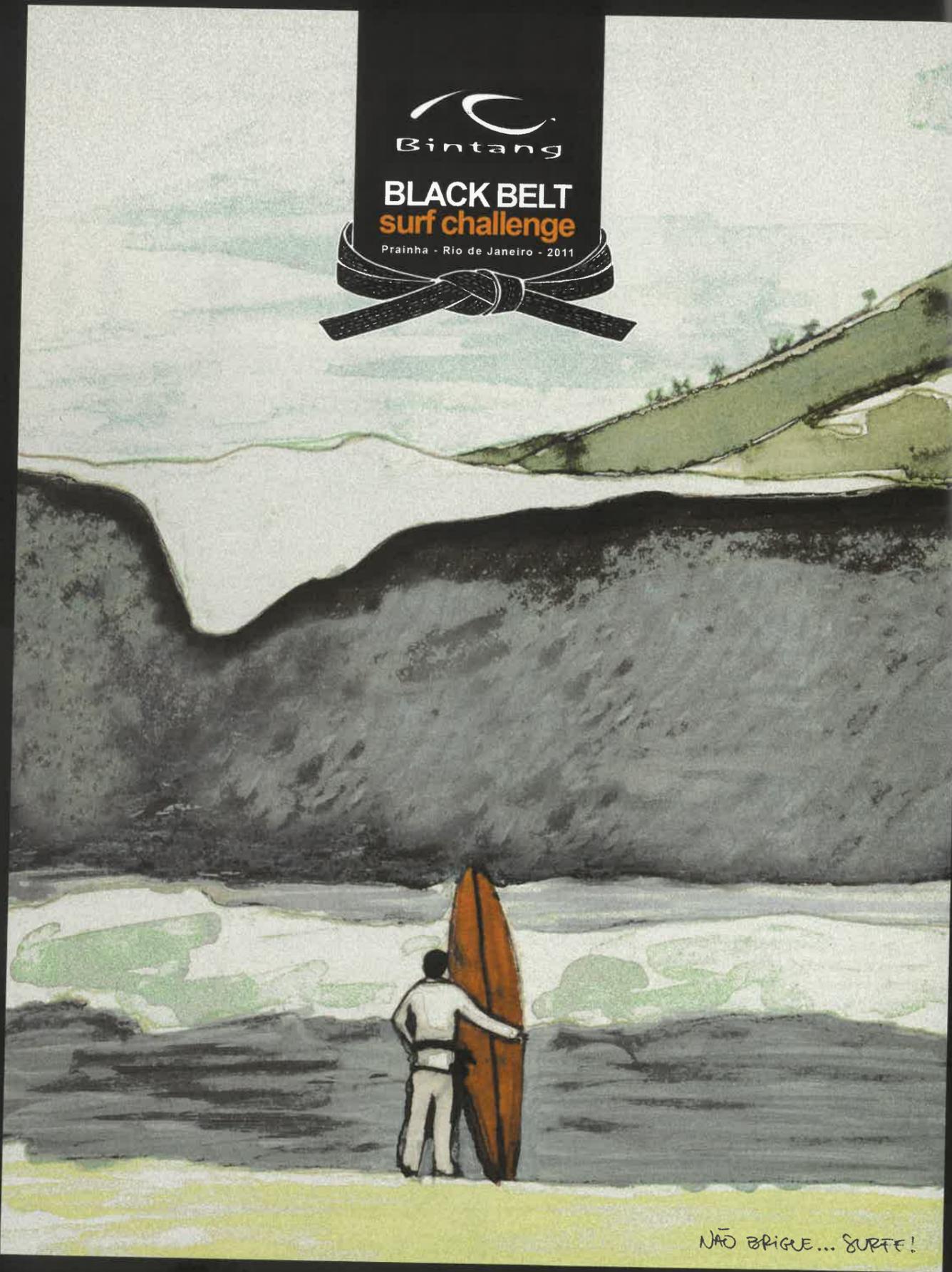
Além do frio, outro desafio enfrentado no inverno japonês são as tempestades de neve, que chegam a acumular até 15 centímetros durante a noite. Achei que fosse impossível sair para surfar nessas condições, mas Abechan falou que estávamos a três horas de distância de ondas melhores. Brian ficou incomodado por pegar estrada com um clima tão ruim, mas o caminho foi tranquilo. Muitas florestas, fazendas, celeiros, cavalos em pastos cobertos de neve, barcos de pesca em palafitas, pequenas árvores pintadas de branco. Chegamos a um píer em que quebrava uma direita de mais de 1 metro, que me fez lembrar de Sebastian Inlet. E a neve era pesada. Surpreendentemente, já havia uns 10 surfistas com seus carros estacionados na praia. Caras amigáveis, que ficaram felizes em nos ver. E reparei que todos usavam dry wetsuits. Uma boa sessão de surf e os rostos doíam. Coisa de sentir náuseas de tanto frio. Os locais são mais acostumados, e vi até um deles surfar sem toca. Eles também faziam pausas na praia para fumar cigarros e tomar café. Já Dan machucou o joelho depois de tentar um aéreo e errar a aterrissagem – para ele, a trip acabaria ali. Fechamos a trip com uma sessão de surf no pico da “Pedra Redonda” – apelido do pico preservado, point favorito de Abechan. Peguei algumas ondas boas. Warren aproveitou as rampas perfeitas para executar seus aéreos, e meus tornozelos gelaram ao vento na hora da remada, com os pés parecendo blocos de gelo. Surfei até onde meu corpo suportou. Comecei a ficar sem fôlego e avancei para um nível de relaxamento extremo – foi aí que me lembrei de que, quando uma pessoa morre congelada, ela primeiro cai no sono. Na mesma tarde, conferimos outro point na beira da estrada. As ondas pareciam boas, mas estava cada vez mais frio. Dan Malloy estava louco para surfar, já mais recuperado do entorse, e quis surfar de alaia. Então lá foi ele e acabou com a melhor onda da trip. Dan surfou com maestria, e a prancha de madeira sem quilhas se encaixou perfeitamente na onda de point break. Com tanto frio e distância, a pergunta que intriga é: se as águas são tão geladas, as ondas também não são tão boas? Bem, se o critério for qualidade de surf, talvez não. Mas para mim, as viagens são mais do que buscar ondas perfeitas. Gosto da incerteza e da aventura, ingredientes raros nas surf trips comuns, onde tudo parece tão fácil que posso, por esse motivo, dizer que valeu a pena. Aliás, fico fascinado com os povos do hemisfério norte – com os indígenas que vivem na região do Ártico, inclusive os ainos, que se acredita terem chegado a Hokkaido milhares de anos antes da etnia japonesa. Pequenas populações que sobrevivem sob condições severas de clima e temperaturas abaixo de zero. Diferentes mas parecidos, encontro surfistas interessados em lugares como a Islândia, o Alasca e o norte do Japão. Um pequeno número de tribos do surf que não tem medo de se jogar em oceanos gelados. No final da trip, Abechan nos levou ao aeroporto... Assim que descemos do carro, ele chorou.

“Esta onda foi um dos “secrets spots” da trip - e uma das mais divertidas de se surfar” - Joe Curren.
Abaixo: Neve acumulada em bóias de pesca

PÓS-TSUNAMI

Depois da trágica comoção da natureza, uma enxurrada de perguntas me veio à cabeça, especialmente por saber dos estragos causados por uma série de tsunamis à costa Japonesa. Eu me pergunto a respeito dos picos que visitei durante minha viagem para Hokkaido antes da tragédia. Como será que estão os amigos, todos eles surfistas, que conheci pelo caminho? Eu soube que a maioria dos estragos aconteceu a noroeste da ilha principal de Honshu, e não em Hokkaido. Felizmente, Abechan e sua esposa estão seguros, e Keigo me mandou um e-mail de Tóquio falando que tanto ele quanto sua família estavam bem. O duro é o medo que fica. Também, vários reatores nucleares acabaram explodindo, e o perigo constante de vazamento da radiação se revela uma ameaça que, se concretizada, gera uma catástrofe muito pior e avassaladora. Pesquisadores dizem que quantidades absurdas de escombros do tsunami no Japão estão sendo carregadas pelo Pacífico, e que alguns aparecerão em nossas praias por volta de 2014. Essa será uma lembrança sombria da destruição. Mas nunca me esquecerei do Japão, das ondas e dos amigos. O país agora se ergue e busca um caminho mais humano e ecológico, harmonioso com a própria família japonesa. E eles vão conseguir. Meu coração está com os japoneses.

“Foi uma ótima viagem. É raro fazer boas viagens, de verdade. Pegamos ondas, fizemos snowboard, comemos maravilhosamente bem e relaxamos com banhos quentes. O inverno, no Japão, pode ser maravilhoso, acredite.” - Brian Nevins

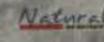
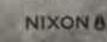
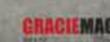
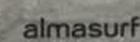
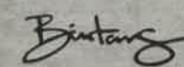


NÃO BRIGUE... SURFE!

UMA PRAIA, UM TATAME, UM DESAFIO
OS MAIORES LUTADORES DO MUNDO



27 E 28 DE AGOSTO
PRAINHA - RIO DE JANEIRO





"Derek depois de ter surfado uma esquerda perfeita de point break, em Outer Hebrides, Escócia. As ondas estavam pequenas, mas isso não importou muito para ele. Não gosto de falar muito sobre o feeling do 'stoke', porque se tornou um termo muito saturado e clichê, mas neste dia, Derek incorporou a palavra." - Brian Nevins

DEREK HYND

NO CAMINHO DA LIBERDADE EXPERIMENTAL

FREE FRICTION

por **Derek Hynd**
fotos e legendas **Brian Nevins e Jared Aufrichtig**

O tempo não perdoa e o impacto no corpo é severo. No entanto, alguns surfistas parecem desafiar totalmente as leis da física e do corpo. Tom Carroll é, disparado, o melhor na casa dos 50 anos de idade. Miki Dora, aos 60 e tantos, protagonizou uma performance memorável em Jeffrey's Bay. Hoje, aos 54 anos, sigo a minha busca da liberdade experimental. Cansado das superficialidades do surf moderno, abdiquei das quilhas em 2005, e parti para o caminho infinito – e muito mais divertido – da fricção livre.

O que sou? Dinossauro? Embrião? Catálise? Seis anos atrás, eu me livrei das minhas quilhas, uma decisão lógica para qualquer purista. Hoje, aos 54 anos, me encontro em uma busca que talvez nunca ninguém tenha pensado em chegar tão longe sem qualquer tipo de comprometimento sério. Sou capturado pela história. Pela diversão. Sou completamente envolvido pelo romance do surf. Experimentei um salto significativo de evolução para obter uma prancha de surf sem quilhas que ande em alta velocidade. É um ato questionador, introspectivo. É para mim o mais profundo limite do surf. É o que chamo de campo extremo da fricção livre, a apreciação máxima do minimalismo, do surf como arte. Nesse sentido, tenho como inspiração a vida de Skip Frye. É o oposto, do outro lado do surf – o esporte duro, um ambiente onde a regra é agredir a face da onda. Mais de 30 anos se passaram desde que minha carreira sofreu uma mudança drástica de rumo, e comecei um futuro de desafios. Em agosto de 1980, Terry Fitzgerald me deu o seguinte conselho: “Dure mais que os filhos da mãe”. Eu tinha 23 anos de idade. Tinha entrado no IPS World Tour como rookie, principiante; era a sensação. Havia derrotado vários surfistas do tour. Pertencia aos Top 10. As pessoas achavam que eu iria muito mais longe. Na verdade, bastava mais uma vitória em uma bateria, nas quartas de final do Gunston 500, contra o competidor Mike Sávage, para subir para os Top 5. Eu tinha acabado de derrotar um Cheyne Horan em ótima forma, e a mídia e meus colegas começavam a me perguntar sobre minha explosão rumo ao topo. Porém, ninguém nunca mais me perguntaria nada depois da minha primeira onda contra Savage. A vida como eu a conhecia acabaria ali. Apesar de uma boa primeira onda e um erro de meu oponente em sua primeira onda, todo o meu conhecimento adquirido até ali se dissolveria em instantes. Eu liderava a bateria, e estava coberto de sangue – fluido que pingava do meu globo ocular. Foi preciso um momento – menor que um piscar de olhos, para ficar cego do olho esquerdo. Uma de minhas quilhas veio rasgando em direção ao meu olho, e o ergueu da cavidade pelo nervo óptico. Fui forçado a largar a bateria pelo fotógrafo Paul Naude, que estava dentro d’água – depois de eu remar de volta ao outside e sentar obstinadamente ao lado de meu adversário. Eu estava em choque, pensando que poderia ficar ali durante os 15 minutos finais e vencer a bateria. Pobre Mike, estava quase vomitando. Paul estava muito agitado. A água ficou rapidamente vermelha. Eu chamava os tubarões. Desisti da bateria. Logo me vi no hospital. Tive de enfrentar a vida fora do surf competitivo sem os benefícios espaciais da profundidade de percepção – pela falta do olho esquerdo. Fitzgerald, meu shaper e mentor, me disse – sem meias palavras – que meu dilema seria um desafio a superar. A carreira no surf profissional era um jogo de Cobras e Degraus que apresentavam oportunidades e armadilhas. Tive o azar de viver uma das piores armadilhas de minha curta história de competidor. Fitzgerald me disse algumas coisas que vão ficar para sempre comigo. Em um jogo conhecido pelos bons, ruins e baixos juizes, rivais, amigos e homens de negócios, ele me mostrou o que acreditava ser a chave para uma longa carreira – “superar os filhos da mãe” –, dar continuidade ao progresso enquanto uns enferrujam, desvanecem ou se revelam incapazes de mudar com o tempo.

O FALSO MOVIMENTO RETRÔ

Talvez eu fosse esperto demais, para evoluir. A vida no surf era para ser medida em décadas, e não em anos, previu Fitzgerald. O crescimento atingiria o mundo todo. Eu descobri que teria condição de superar minha repentina deficiência física. Já havia mostrado minhas habilidades. Então, três semanas depois do acidente, voltei para as competições sem a visão do meu olho esquerdo, e ingressei no IPS Tour em 1981. Reconquistei meu posto de sétimo do mundo, durante o The World Cup in Hawaii. O tempo passou rápido. Me tornei o primeiro treinador profissional de um jovem Mark Occhilupo. Me aposentei das competições aos 25 anos. Continuei a escrever, ofício que aprendi na universidade. Desenvolvi a campanha The Search, inspirado em dar a Tom Curren a chance de explorar o mundo do freesurf. Graças a uma amizade próxima com Hank Warner e seu mentor, Skip Frye, eu trouxe a Fish feita em San Diego nos anos 60 – de volta ao foco do design, trabalhando com Tom e surfando em *Litmus*, filme de Andrew Kidman. Percebi tendências corrompidas no chamado movimento retrô, cujo meu envolvimento inicial foi considerável. As linhas puras foram rejeitadas em perseguição da função moderna. Seu método adotado para apreciar a “Fish” foi adicionar o conceito ‘pop’ à ‘alma’, misturando tudo no mesmo balde – dos anos 80 e 90. Em Jeffrey’s, Dan Malloy apareceu com uma fish de Rich Pavel. Mas a prancha estava alterada. Pavel, um pensador livre – e protegido de Frye – havia shapeado para mim uma gun 11’4”, prancha que apareceu em *Glass Love*, outro de Kidman. No entanto, a prancha de Malloy tinha quatro quilhas. De acordo com minha perspectiva, isso era uma perversão do que seria a prancha perfeita de J-Bay e da filosofia de Frye a respeito do minimalismo – uma atitude desnecessária, não autorizada e injusta. A minha intenção não é desrespeitar o Malloy, mas este é um exemplo irrefutável dos traços de “Geração Momentum”. Esta geração foi criada com um único design: a Thruster (a tradicional triquilha de Simon Anderson). Ex-surfistas profissionais da “Geração M” mudaram da sauna metafórica de Kelly Slater da ASP para um negócio menos trabalhoso – o caminho que seguiu Curren, onde a atmosfera era mais tranquila e as recompensas generosas. Eles tentaram copiar e adaptar capítulos do surf nos anos 70 mas não absorveram a mensagem completa. Eles dispensaram ligações importantes da herança da pura alma do surf. Surfistas com mais de 50 anos de idade tinham a noção da “alma” naturalmente. Eles cresceram com atitudes originais, acompanharam os períodos dos designs dos longboards – das monoquilhas, bonzers e biquilhas, tanto como o processo do freesurfe ou da competição. Surfistas com menos que 50 anos tinham pouca ou nenhuma experiência com os designs originais da década de 70. Nas mãos de Pavel, eles obtiveram licença artística e acabaram com uma noção distorcida da realidade. Aos 50 anos de idade, eu já estava cansado da superficialidade do surf moderno. Me afastar das minhas percepções do que considero bobagem era me aproximar de um determinado senso de liberdade. Eu rejeitei o uso das quilhas, que muito tem a ver com a noção deturpada da “Geração M” com relação à alma. Eu reagia às ações de Pavel, rejeitava as corrupções escancaradas da indústria com relação à esta forma artística do surf. Era uma tentativa de se aproximar da linha e velocidade do grande pássaro marinho The Gannet (ganso-patola, comumente encontrado ao sul da África e Austrália, que pode atingir 100 km/h ao mergulhar na água para capturar um peixe); uma missão pioneira em descobrir para qual caminho teria ido o surf de performance se a quilha nunca tivesse sido popularizada pelos anos 50; e por último, mas não menos importante, era para simplesmente recuperar a diversão.



“Um olhar antes da sessão de surf em Outer Hebrides. Derek é um pessoa original. Simples assim.” - Brian Nevins

O MELHOR QUINQUAGENÁRIO

Sem devaneios, a mais espetacular condição física de um surfista de 50 a 55 anos é de Tom Carroll. Ele tem a mesma habilidade ao surfar com pranchas de 5 pés e com um stand-up paddle de 19 pés de altura. Seria realmente uma surpresa encontrar 10 surfistas no planeta – de qualquer idade – que fossem páreos para ele. Apesar de uma lesão no joelho que o aborrece desde 1976, quando tinha 15 anos de idade, ele continua a superar seus limites, seja em busca de ondas gigantes com Ross Clarke Jones ou sobre pranchas de stand-up paddle pelos beachbreaks de Sydney. O surf de SUP nunca foi minha modalidade favorita, mas, mesmo assim, o respeito que tenho pela habilidade de Carroll nesse aspecto é imenso. Ele é o surfista perfeito. Já sobre pranchinhas menores que 6'0", ele continua com a forma que teria até mesmo superado sua performance em várias baterias durante sua corrida rumo ao título mundial de 1983 e a disputa pelo título até 1988. O segredo de Carroll é que seu corpo é perfeitamente construído para o uso da força, assim como o de um levantador de pesos. Ele transfere a massa do seu corpo em um tempo perfeito aos seus músculos e, conseqüentemente, à prancha. Poucos surfistas conseguem unir suas habilidades de executar uma cavada em alta velocidade e se manter rápido para atacar a face da onda. Ele se move com força por toda a extensão da onda, sem espasmos. De fato, pude observá-lo surfar três meses atrás em beachbreaks com ondas que batiam na cintura, e ele estava em melhor forma do que quando ganhou o título mundial em 1983. Enquanto muitos surfistas de 25 anos ficam estagnados ou entram em colapso, Carroll está no auge de sua forma física através da prática de exercícios físicos, e da noção de conseguir o melhor posicionamento em ondas de qualquer tamanho. Nós dois crescemos na mesma praia, a pequena Newport, ao norte de Sydney. Durante o primeiro grau, frequentei a mesma escola que sua irmã mais velha, Josephine. Nós éramos do clube Newport Plus, fundado em 1976.

Em 1980, o clube tinha seis membros entre os Top 30 do IPS Tour. Acompanhei suas vitórias em Pro Juniors, títulos mundiais e Pipe Masters. Presenciei suas derrotas nos campeonatos, bem como sua incapacidade de surfar de backside quando as ondas estão pequenas e mexidas, além de uma notória habilidade para perder baterias – sem mencionar títulos mundiais – quando estava no topo pela corrida do título. Também tem o vício de rabear amigos e desconhecidos em ondas de qualquer tamanho. Eu sabia das suas fraquezas sociais, como, por exemplo, ser ingênuo demais para evitar más companhias, muito burro para se manter afastado de drogas fracas, muito fissurado em festas para dizer não às drogas pesadas, muito menos o 'Ice'. Ele recebeu o apoio dos amigos e patrocinadores quando decidiu tornar público seu problema com o demônio das drogas. Havia conquistado muita coisa para deixar o passado para trás. O que restou foi uma capacidade irrestrita de arrebentar no surf, mesmo com um joelho destroçado há 35 anos. Nunca usei drogas. Eu me sentia indignado e derrotado aos 16 anos. A maioria dos meus amigos fumava maconha e andava de moto a toda velocidade – e acabavam desistindo do surf. Em dois anos, muitos deles já andavam como zumbis. Se não eram sentenciados a uma vida dependente da agulha – e alguns, portadores de hepatite – ou ficavam deficientes por acidentes sofridos na estrada, estavam muito perto disso. Nunca vi nenhum deles voltar à inocência. Eles posteriormente apareciam na praia, mas era como uma cena do *Big Wednesday* – filme de John Milius sobre um surfista que teve a vida arruinada pelo vício do álcool. Eles haviam sido roubados espiritualmente. Nos picos de surf da Austrália, era a mesma história. Uma geração de belos garotos em um momento. Uma geração perdida no outro. No Brasil, consigo apenas imaginar as ruínas deixadas pela cocaína e outros males associados. No IPS Tour, vi idiotas de todas as nações que perderam a alma primeiro para a fama e as drogas, depois, para a má fama e as drogas, e depois ainda, para a debilidade física e as drogas.

Derek Hynd em Jeffrey's Bay, uma das ondas que imortalizou a sua busca pela "fricção livre." - Jared Aufrechtig

DEREK HYND

"A memória que tenho dessa sessão é de surf virgem.

A esquerda: "Estava posicionada na parte de dentro da Ilha de Lewis. Flat em grande parte do ano.

Neste dia, tinha algumas ondas.

Surfar ondas pequenas em picos que raramente quebram,

é tão emocionante quanto surfar ondas clássicas em ótimos picos." - Derek Hynd

A direita: "Costa Leste de Outer Hebrides. Onda insana. Sem crowd." - Brian Nevins

BRIAN NEVINS

"Derek é uma das pouquíssimas pessoas no mundo que consegue surfar qualquer mar com qualquer prancha. Trabalhar com ele é um presente para qualquer fotógrafo." - Brian Nevins

AS PRANCHAS INOVADORAS DE UM SUBESTIMADO MAURICE COLE

Logicamente, os níveis de performance começam a desmoronar dos 55 aos 60 anos, até mesmo para os melhores surfistas. Um exemplo é Johnny Paarman, que atingiu o ápice da boa forma em Jeffrey's Bay, construindo catamarãs de primeira classe para corridas oceânicas. Seu estilo "pêndulo" se resume em uma poderosa cavada e em seguida uma esmagada na crista da onda, estilo que ganhou mais fama na África do Sul que o de Shaun Tomson dentro do tubo. Outro cara é Simon Anderson, contra quem Paarman duelou no Bay of Plenty, numa das melhores baterias homem a homem da história do esporte. Anderson, que ainda está em forma, e apesar de não ter aderido à lógica de surfar pranchas de performance feitas de acordo com suas medidas, continuou com a habilidade de deixar sua marca em Narrabeen e além. Não tenho a menor dúvida de que, se ele construísse as Thrusters retrôs como fazia entre os anos de 1981-83, iria rapidamente alcançar sua melhor forma dos últimos 25 anos. Duvido que isso aconteça, dada sua inclinação a shapear pranchas para o mercado contemporâneo. Talvez o exemplo mais puro disso seja Maurice Cole, que nos últimos dois anos travou uma guerra contra a mentalidade do critério de julgamento em Bells Beach e, também, uma batalha interna contra um câncer de próstata. Apesar das graves preocupações com a saúde, ele manteve uma visão diferenciada do design, cujas curvas do fundo da prancha desafiam qualquer princípio tradicional. O segredo está no fundo assimétrico, que faz com que suas pranchas sejam boas para desenhar linhas nas ondas desde Rincon, em Porto Rico, até Bells Beach, na Austrália. Para colocar as coisas em perspectiva, ninguém que compete em

Bells opta por grandes tamanhos de pranchas. No geral, é algo que não pode ser feito. No entanto, ele o faz regularmente. Mas a pergunta que fica é: depois de uma vida shapeando pranchas – marcada pelo trabalho com Tom Curren durante sua campanha para o título mundial de 1990, e com Ross Clarke Jones nas pranchas de tow-in na última década –, porque nenhum surfista do World Tour aceitou o convite para testar suas pranchas, muito menos jovens surfistas que estão começando no circuito júnior australiano? A resposta reside no conservadorismo. Hoje os surfistas são um exército de robôs, presos à mesma fórmula. Eles são condicionados desde cedo, por colegas e pela mídia, a não arriscar. Mas Cole continua com sua jornada idealista. Se alguém ainda lhe dará ouvidos? Passei um tempo com ele em Rincon, durante a etapa do Rip Curl Pro Search. Faltavam dez minutos para o início das baterias do último dia. Veio uma série. Ele remou para o inside e pegou a onda que vinha em minha direção. Apenas o suficiente. Não é sensato negar a Maurice o seu maior prazer. Trinta segundos depois, ele estava além do Bowl e já fora de vista; correu o dobro da distância que qualquer pro que estava na zona do campeonato. A ironia é que foi exatamente a mesma situação que o levou a Tom Curren, durante um campeonato realizado no clássico beachbreak francês La Piste, em 1989. Foi apenas aí que Curren pôde ver que as pranchas de Cole eram algo mais especiais para as condições do que o seu atual equipamento, e encomendou um quiver. Parece que ninguém no surf competitivo tem muita visão de vanguarda em pleno século 21. Podemos apenas torcer para que Cole se saia bem em sua última missão – sobreviver diante do seu crítico estado de saúde – e continue avançando fronteiras.

BRIAN NEVINS



MIKI DORA EM JEFFREY'S BAY

O ano era 2000. Miki Dora tinha 63 anos quando surfou sua segunda temporada de inverno em J-Bay – e foi um episódio trágico. Entre os 60 e 65 anos de idade, os níveis de performance decaem radicalmente. O corpo recusa os castigos comandado pela mente, que reconhece os fatores de risco. Pescoço. Costas. Pulmões. Ovidos. Quadris. Joelhos. Ombros. Dora estava fora do ritmo quando surfava um pico em que ele não tinha caído muitas vezes. Ele era um tímido encostado nas pedras. Para cada swell de ondas que quebravam com altura que passava duas vezes a da cabeça, ele esperava cada vez mais pelos intervalos entre séries... e não saía do lugar. Ele ameaçava saltar das pedras, mas não se movia. Ali estava a lenda original do surf, o escapista por natureza, esperando muito, demais até, perdendo chance atrás de chance – para talvez sair seco da praia ou com uma ou duas ondas surfadas. Por algumas vezes, o pessoal no line-up observava o velho homem colado às pedras. Por que será que ele continuava perdendo os momentos de saltar? Sua caminhada para casa era uma constante humilhação. Mas no inverno de 2001, aos 64 anos de idade, ele protagonizou a melhor e mais consistente performance para um surfista com mais de 60 anos em Jeffrey's Bay. Seu ato final viria em sua última onda surfada no pico, num dos maiores swells do ano. Como ele deu a volta por cima dessa maneira é uma pergunta que está aberta a discussões. Qualquer que tenha sido a equação que o levou a cair diversas vezes no line-up foi algo grande. Com sua boa e velha gun azul, ele saltaria das pedras inúmeras vezes. E então se posicionaria lá fora, no outside, pronto para pegar as maiores da série. Quando J-Bay está com ondas que dobram a altura de uma pessoa normal, a onda tende a ficar violenta no drop. E Dora, repetitivamente, executava o drop com o bico de sua prancha apontado para baixo – e raramente caía. Mikey Meyer, o maestro de J-Bay, surfou comigo num mar gigante em nessa praia. Tinha apenas mais um surfista no line-up. Dora.

De acordo com os locais, esta havia sido a melhor temporada de sua vida. Nesse dia em particular, séries de 8 pés de altura entravam ocasionalmente. Veio uma série. Eu estreava uma Tom Parrish 8'2". Era a melhor prancha com a qual eu já havia surfado em 20 anos nessa onda. Nem Mikey nem Dora quiseram a primeira onda. Eu remei nela e completei o drop, mas estava desacostumado com pranchas monoquilhas e caí 100 metros depois. Fiquei embaixo d'água por um tempo. Meu leash estourou. A minha linda prancha quase seguiu para um final desastroso. A próxima onda quase quebrou nas minhas costas, mas tive tempo de presenciar uma visão eterna. Era Dora, não apenas na onda do dia, mas na onda da temporada. Talvez a onda de sua vida em J-Bay. Ele dropou um monstro, fazendo o que Skip Frye chamou primeiro de 'Miki Mambo', 40 anos atrás em Malibu. Suas pernas e braços balançavam como os de um dançarino latino, e ele atingia velocidades absurdas. Ele parecia um piloto de carro de corrida. Dei o joelhinho na onda. Quando levantei, ele já havia passado, sentido Impossibles e chegando a Tubes e The Point, até a beira da praia. Depois disso, ele desapareceu. Declarou que sua vida como surfista em J-Bay havia terminado. Foi para a França. Saiu por cima. Aos 64 anos de idade, Dora deixou uma marca para Slater bater em 2036. Os line-ups estão cada vez com menos homens de cabelo cinza. É notável perceber o que se pode e o que não se pode fazer com os já desbalanceados corpos de surfistas com mais idade. Donald Paerman, por exemplo, não consegue ficar em pé facilmente, por causa de seus joelhos fracos. Às vezes, ele surfa de joelhos em sua gun. No entanto, quando está de pé, o goofy footer, cujo estilo se parece com o de Wayne Lynch, consegue uma combinação base / lip tão sólida que pode ser comparada a uma cavada de Owen Wright. Talvez Lynch dê o ar de sua graça no line-up pela primeira vez em 40 anos – para ditar um novo ritmo e mostrar como um sessentão pode aumentar seus níveis de performance.

OS DESAFIOS DA FRICÇÃO LIVRE

Os line-ups têm cada vez menos surfistas de 65 a 70 anos. Mas isso não se aplica a Rusty Miller. Campeão norte-americano de 1966, um dos desbravadores de Sunset e Waimea, naturalizado australiano em 1972, ele ainda parte as ondas de Lennox em pedaços. Nas primeiras sessões da onda, surfa de maneira comportada. Seu equipamento segue o tamanho lógico, a julgar pelo tamanho das ondas que ele pega – como faz seu colega dos anos 1970, George Greenough. Greenough fica bem próximo ao nível d'água para atingir maior velocidade. Numa comparação, é como um piloto de motocicleta deitado próximo ao tanque, para reduzir a resistência do ar. Greenough podia torcer seu colchão de ar (George ficou conhecido por surfar em colchões de ar, e é considerado um dos melhores surfistas de colchão em todos os tempos...) para formar superfícies côncavas e atingir maior velocidade, ou convexas, para reduzir a velocidade. Ele podia ser o mestre da onda, trabalhando em suas exigências a cada segundo. Skip Frye está com 69 anos, prestes a completar 70. Apesar de não se aventurar no big surf, ele se compromete com a evolução e o minimalismo. Seguindo o caminho da fricção livre, todas as suas quilhas têm altura máxima de 3,5 polegadas. Ele encontrou a chave para a velocidade em Pacific Beach Point e Sunset Cliffs, o que o transportou de volta para adolescência. De acordo com sua filosofia minimalista, a onda está lá para ser surfada até o final, esgotada, reduzida a nada. Ninguém no surf nunca alcançou tanta velocidade como Skip. Nesse quesito, ele está em ótima forma. Como ele me disse: "No que você me transformou: esta história de fricção livre, eu não sentia tanta diversão desde meus 16 anos". A revista Surfer está para lançar um perfil sobre o estado do meu surf, que irá questionar de vez os padrões do surf moderno. De várias maneiras, irá completar o ciclo entre mim e Skip – desde nossos experimentos iniciais em J-Bay, no começo dos anos 1990. Um frase em particular resume a história: "Uma fish 5'3", sem quilhas,

"Nunca enxerguei Derek como a maioria das pessoas, com a história do movimento retrô, das biquilhas, monoquilhas, sem quilhas, etc. O que vejo é um cara que tem um incrível e inacreditável talento natural para o surf, que age à sua própria maneira com longevidade. Sempre gostei do surf, mas o que mais me atrai é o espírito do surf, o que Derek incorpora completamente. Ele é uma pessoa verdadeira que ama o surf, e por causa dele, aprendi a amar o surf por minhas próprias razões." – Brian Nevins

giros, ondas de oito pés". Com pranchas de minha edição limitada sem quilhas estão sendo produzidas por Skip em tributo à evolução da fish. A progressão está apenas começando. As décadas passam rapidamente, e os surfistas envelhecem. O corpo sofre punições severas. O tempo de recuperação é mais demorado. O desafio é cada vez maior. Pessoalmente, surfo com pranchas de 3'6" a 11'4" pés e me dei bem com todas elas – sem as quilhas, que eu tirei pela primeira vez em 2005. Em J-Bay, a missão é básica: evoluir. Peguei um tubo memorável em Impossibles com uma 4'6". E uma 7'0" me levou a dar giros supervelozes na face da onda – recentemente surfei com uma prancha que me fez alcançar uma velocidade que eu nunca havia atingido com qualquer outro shape. Tudo se resume em largar a dimensão estática do surf e partir para outra dimensão. Skip Frye, aos 69 anos de idade, proclama alto e bom som, para quem quiser ouvir: "Nunca vou surfar com as quilhas tradicionais. A partir de agora, vou investir cada vez menos na esfera das quilhas e mais e mais na da velocidade. A diversão simplesmente não se compara". Existem muitos níveis na fricção livre. Seja por completo ou parcialmente, abdicar das quilhas é desafiar as convenções. Na minha avançada idade, eu deveria me envergonhar de mim... Mas, sinceramente, isso não vai acontecer. ◀

"Paisagem de Hebrides.

Esta foto resume Hebrides e Derek em tantos aspectos.

Único, individual, e um lugar / pessoa com seu próprio peso." – Brian Nevins

Derek Hynd na Escócia, em J-Bay, em King Island: Free Friction - ALMA SURF

FUSION
ENERGY DRINK

APRESENTA



**I ENCONTRO
NIEMEYER DE SKATE**
Oscar Niemeyer

PATROCÍNIO

ELEMENT
ELEMENTSKATEBOARDS.COM

rider

almasurf

OS MELHORES SKATISTAS DO BRASIL NO MEMORIAL DA AMÉRICA LATINA

CLÍNICAS GRATUITAS AO PÚBLICO COM EQUIPAMENTOS E PROFESSORES ESPECIALIZADOS

SKATE JAM SESSIONS DE JUÍZES, MASTERS E CONVIDADOS INTERNACIONAIS

SHOWS TOMMY GUERRERO E OUTROS

GRANDE HOMENAGEM AO GRANDE ARQUITETO OSCAR NIEMEYER

24 E 25 DE SETEMBRO
MEMORIAL DA AMÉRICA LATINA
SÃO PAULO, BRASIL

PATROCÍNIO DE MÍDIA

APOIO



TRIBO almasurf.com



SECRETARIA DE
ESPORTE, LAZER E JUVENTUDE

**GOVERNO DE
SÃO PAULO**

Shaun Tomson em 1976, fotografado por Jeff Divine com seu quiver Lightning Bolt e com a prancha pink banana (em mãos), que ficou imortalizada nas ondas do Hawaii

por Rosaldo Cavalcanti
fotos Jeff Divine, Dan Merkel e Fábio Minduim

Gentleman. Ídolo. Tube rider. O sul-africano Shaun Tomson venceu o título mundial em 1977 e influenciou milhares de surfistas em todo o mundo. Shaun nasceu em Durban, na costa leste da África do Sul, no dia 21 de agosto de 1955. E aprendeu a surfar sob o olhar atento de seu pai, Ernie Tomson. Como competidor, sua lista de vitórias é impressionante. Shaun viveu uma das mais longas e bem-sucedidas carreiras da história do circuito mundial. A perda do pai e a morte prematura de seu único filho foram dois momentos difíceis, mas ele conseguiu sobreviver aos caldos que a vida lhe impôs, atravessou mais uma vez a arrebentação, voltou para o pico e continua surfando seu destino.

SHAUN TOMSON

POR UMA VIDA MELHOR

Shaun Tomson em Pipeline. "Pipeline me dava medo. Vou ser direto: eu temia aquela onda"

OS PRIMEIROS PASSOS

Shaun tinha 10 anos quando surfou pela primeira vez. Seu progresso como surfista, foi diretamente influenciado pela evolução das pranchas de surf e pela transição entre os longboards e a 'short board revolution'. "Comecei a surfar na década de 1960, nos picos em torno de Durban." No final da década de 1960, Shaun passou a dominar a cena do surf amador na África do Sul. Cresceu e amadureceu surfando as ondas tubulares de Cave Rock e Bay of Plenty, em Durban. E também as longas, geladas e perfeitas direitas de Jeffrey's Bay. "Dei sorte de ter nascido num país que tem um litoral cheio de ondas perfeitas." Em 1969, com apenas 14 anos, ele estava no Hawaii quando o lendário Greg Noll surfou a sua não menos lendária onda em Makaha. "Fiquei impressionado com a força e o tamanho das ondas havaianas."

PROFISSIONALISMO: UM SONHO DISTANTE

Quando os anos 1960 terminaram, Shaun já tinha celebrado seu bar-mitzvá, era o campeão sul-africano de sua categoria e já havia surfado as poderosas ondas havaianas. Nos anos 1970 ser surfista era quase um ato de rebeldia contra os valores da sociedade. E a Guerra do Vietnã estava, literalmente, pegando fogo nas selvas tropicais daquele pequeno país asiático. "A Guerra do Vietnã afetou o mundo inteiro, e muitos surfistas, principalmente os americanos, tiveram que lutar no Vietnã." No Hawaii, não foram poucos os casos de surfistas desertores, que se recusaram a lutar e matar os vietcongues. Não foi por acaso que naquela época o simples ato de surfar foi confundido como expressão de revolta e inconformismo. "Os surfistas são movidos pela paixão e pelo prazer de surfar. É isso que nos faz acordar cedo e entrar num mar gelado", explica Shaun. Nos anos 1970, em meio à onda hippie e a uma geração que descobriu as drogas e experimentou quase todas elas, Shaun sempre foi 'careta'. "Vi muitas carreiras serem desperdiçadas por causa das drogas." Enquanto a maioria dos surfistas tinha cabelos longos e uma imagem 'underground', Shaun, com seu ar de fidalgo e feições de galã, conferiu um toque de classe aos surfistas num momento de transição, quando o profissionalismo ainda era um sonho distante. Para Shaun, "O sonho de viver do surf só se tornou realidade a partir da segunda metade década de 1970".

NO EXÉRCITO NACIONAL SUL-AFRICANO

Por diversos motivos, entre eles a manutenção do regime do Apartheid, o combate ao inimigo comunista e a defesa de suas fronteiras com os demais países do sul da África, na década de 1970 todos os sul-africanos eram obrigados a servir o exército. "No início dos anos 1970 a situação política e social da África do Sul era muito delicada." Em 1973, ele serviu o exército por 18 meses. "Não foi fácil. Mas era minha obrigação como cidadão do meu país." Depois de cumprir o serviço militar obrigatório, Shaun voltou para Durban e ingressou na faculdade com o objetivo de se formar e seguir uma carreira profissional. Mas o destino quis que, no mesmo ano em que saiu do exército, Shaun conquistasse, em Durban, sua primeira vitória no Gunston 500. Nos cinco anos seguintes (1974, 75, 76, 77 e 78), conquistou mais cinco vitórias consecutivas. Sua invencibilidade no Gunston 500 só foi quebrada em 1979, quando ficou em segundo lugar depois de ser derrotado na final pelo havaiano Dane Kealoha. "Ter vencido cinco vezes consecutivas um dos mais importantes e tradicionais campeonatos de surf do mundo foi um dos pontos altos da minha carreira."

DA ÁFRICA PARA O RESTO DO MUNDO

Como competidor, a lista de vitórias conquistadas por Shaun Tomson não se limita ao Gunston 500. Em 1974, no Hawaii, ele venceu o Hang Ten, seu primeiro título internacional fora da África. Em 1975, chegou até a final em Bell's, quando foi derrotado por ninguém menos do que o lendário australiano Michael Peterson. "Minha carreira internacional foi acontecendo naturalmente." No final de 1975, no Hawaii, foi o campeão do Pipeline Masters, derrotando Gerry Lopez e Rory Russell numa final histórica, que marcou uma mudança de guarda na maior arena havaiana. "Até 1975 Pipeline era um território dominado pelos goofy footers. Minha vitória no Pipe Masters mudou essa ideia", explica Shaun, que fez do seu 'back side attack' uma referência para os demais 'regular footers'.



Shaun em Pipeline, em 1976, com a imortal pink banana:

"A pink banana foi uma prancha revolucionária,

ideal para a minha abordagem de atacar os tubos e paredes de backside em Pipe".

À direita: Essa é, sem dúvida, uma das fotos mais emblemáticas de Shaun no Hawaii.

Na imagem; Bustin' Down the Door, à esquerda de Shaun, seu amigo e eterno rival, o australiano Rabbit Bartholomew

MUDANÇA DE RUMO. QUEBRA DE PARADIGMAS

O inverno de 1975-76 no Hawaii marcou uma mudança de rumo na história do surf. Daquele inverno em diante, o 'esporte dos reis' nunca mais foi o mesmo. "As pranchas haviam evoluído bastante e, conseqüentemente, a maneira como os surfistas atacavam as ondas. Principalmente no Hawaii." Naquela época, Shaun e seus contemporâneos australianos, liderados por Wayne 'Rabbit' Bartholomew e Mark Richards, representavam uma ameaça ao status quo dos havaianos. Jovens, corajosos, ambiciosos e dispostos a correr todos os riscos para ser reconhecidos pela mídia internacional, Shaun e sua geração ficaram marcados por uma extrema competitividade e um estilo agressivo de surfar. Juntos, tomaram de assalto o North Shore da ilha de Oahu. Mas, no caminho para o topo do surf mundial, tiveram que enfrentar a reação havaiana, que veio em forma de ameaças, socos e pontapés. "Num determinado momento, a coisa ficou tão séria que comprei uma arma e andava com ela no carro para defender minha vida", revelou

Shaun. A maior parte das animosidades foi motivada por uma matéria intitulada 'Bustin' down the door' ('Arrombando a porta'), escrita por Rabbit e publicada em 1976 pela revista americana *Surfer*. O texto proclamava a superioridade australiana sobre os havaianos, que se sentiram ofendidos e decidiram aguardar a chegada do autor em solo havaiano. Alguns meses depois, Rabbit chegou ao Hawaii e foi surpreendido pela recepção havaiana, que não teve nem um pouco do famoso 'aloha spirit'. Muito pelo contrário. Rabbit foi espancado por um grupo de locais e teve que se esconder no North Shore, enquanto Shaun, Ian Cairns e Peter Townend eram perseguidos e ameaçados pelos 'black trunks'. Segundo Shaun, "Os nativos havaianos ficaram furiosos e interpretaram o texto escrito pelo Rabbit como um desrespeito. O clima ficou pesado". O fato é que não se faz uma revolução impunemente. Há alguns anos atrás, Shaun produziu um documentário, *Bustin' Down the Door*, que narra os fatos que aconteceram durante aquele inverno histórico.

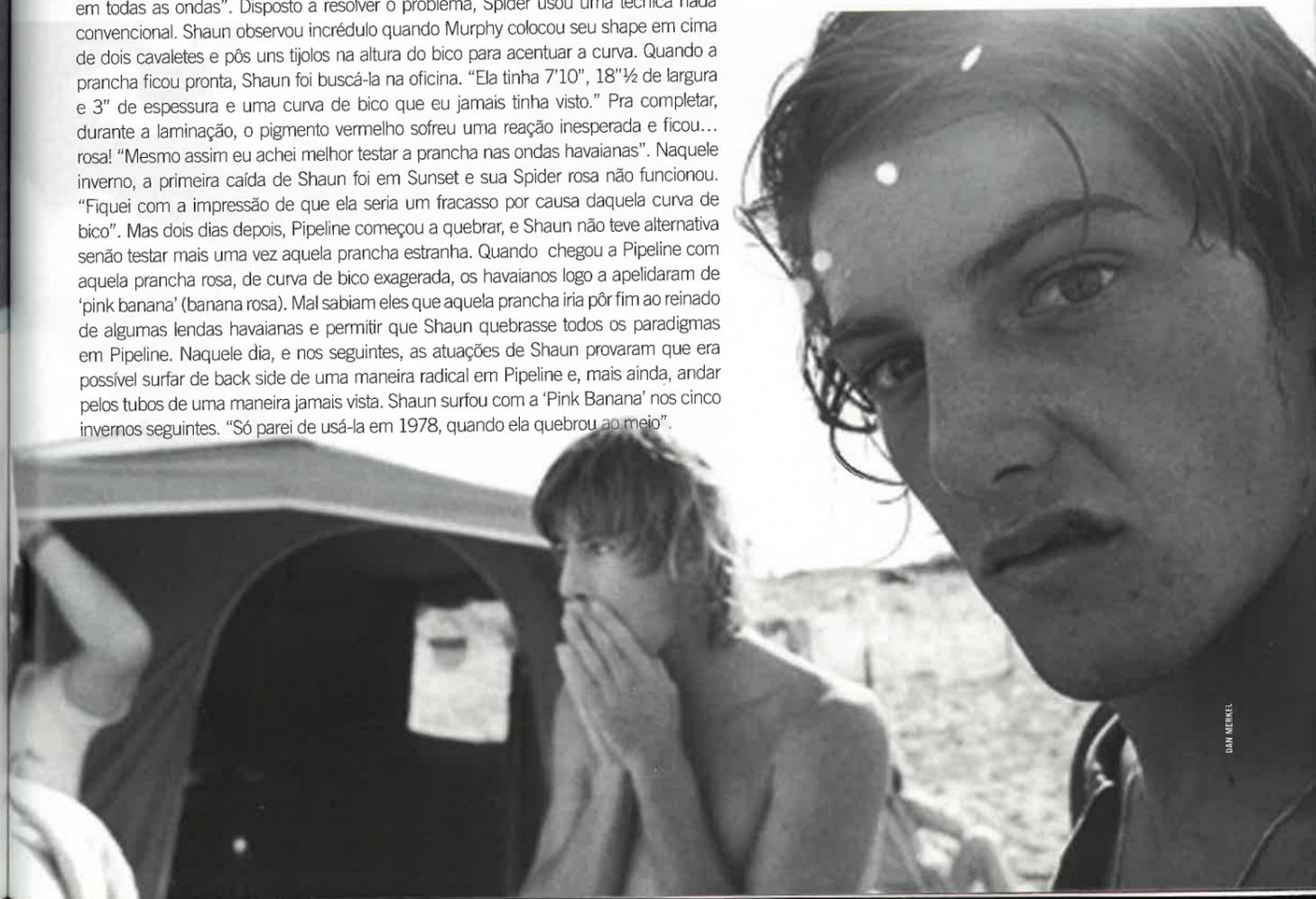
A ONDA A SER SURFADA

No passado, a reputação de um surfista era medida de acordo com a sua capacidade de surfar bem no Hawaii. No início dos anos 1970, logo depois da 'short board revolution' e do surgimento das 'hawaiian guns', Pipeline havia se tornado a principal arena do surf mundial. Reza a lenda que o primeiro homem a surfar Pipeline foi o californiano Phill Edwards. Em 1961, Edwards foi levado pelo cineasta Bruce Brown e pelo shaper Mike Diffenderfer para surfar uma onda que jamais havia sido surfada. No final de um dia histórico, Phill desafiou o pico que Diffenderfer batizou de Pipeline, por conta de uns tubulões que estavam sendo usados numa construção ali perto. Pipe sempre exerceu um fascínio especial sobre Shaun Tomson. Desde garoto, quando aprendia a surfar na África do Sul. "Era a onda a ser surfada", explica. Shaun lembra-se dos filmes de surf a que assistia na adolescência: "Eles mostravam os surfistas tomando vacas horríveis e sendo jogados contra o fundo de coral de Pipeline". Em 1970, Shaun tinha apenas 15 anos quando surfou Pipeline pela primeira vez. Para ele, "Naquele momento a vontade superou o medo". No início dos anos 1970, dois goofys havaianos - Gerry Lopez e Rory Russell - dominavam a cena em Pipeline. "Alguns surfistas dedicaram a vida a surfar Pipeline, e quando você chega lá pela primeira vez tem que respeitar esses caras."

A BANANA ROSA

Em 1971 ele voltou ao Hawaii e ficou numa casa em frente a Pipeline. Shaun passou o inverno de 1973-74 na casa de Jeff Hakman, um dos melhores surfistas havaianos de todos os tempos. "Hakman tinha um quiver shapeado pelo Dick Brewer, o mais cultuado shaper havaiano da época". Em 1974, antes de voltar do Hawaii, Shaun tirou várias fotos de uma das Brewers de Hakman e as levou com ele para a África do Sul. "Quando cheguei a Durban, mostrei as fotos pro Spider Murphy, meu shaper na época, e disse que queria uma prancha igual." Spider shapeou uma prancha baseado nas fotos que lhe foram mostradas. É o próprio Shaun quem conta: "Quando vi o shape, achei que ele tinha pouca curva. Expliquei pro Spider que para surfar Pipeline eu precisava ter uma prancha com uma boa curva de bico. Caso contrário eu correria o risco de embicar em todas as ondas". Disposto a resolver o problema, Spider usou uma técnica nada convencional. Shaun observou incrédulo quando Murphy colocou seu shape em cima de dois cavaletes e pôs uns tijolos na altura do bico para acentuar a curva. Quando a prancha ficou pronta, Shaun foi buscá-la na oficina. "Ela tinha 7'10", 18"½ de largura e 3" de espessura e uma curva de bico que eu jamais tinha visto." Pra completar, durante a laminação, o pigmento vermelho sofreu uma reação inesperada e ficou... rosa! "Mesmo assim eu achei melhor testar a prancha nas ondas havaianas". Naquele inverno, a primeira caída de Shaun foi em Sunset e sua Spider rosa não funcionou. "Fiquei com a impressão de que ela seria um fracasso por causa daquela curva de bico". Mas dois dias depois, Pipeline começou a quebrar, e Shaun não teve alternativa senão testar mais uma vez aquela prancha estranha. Quando chegou a Pipeline com aquela prancha rosa, de curva de bico exagerada, os havaianos logo a apelidaram de 'pink banana' (banana rosa). Mal sabiam eles que aquela prancha iria pôr fim ao reinado de algumas lendas havaianas e permitir que Shaun quebrasse todos os paradigmas em Pipeline. Naquele dia, e nos seguintes, as atuações de Shaun provaram que era possível surfar de back side de uma maneira radical em Pipeline e, mais ainda, andar pelos tubos de uma maneira jamais vista. Shaun surfou com a 'Pink Banana' nos cinco invernos seguintes. "Só parei de usá-la em 1978, quando ela quebrou ao meio".

"A primeira vez que surfei Pipe com a minha prancha banana rosa foi uma revelação. Remei na primeira onda e a prancha parecia perfeita para aquela onda - a rabeta estreita mantinha a prancha firme; eu podia fazer o bottom, subir verticalmente na face da onda e voltar para baixo sem cair. Até então, o estilo de surfar em Pipeline se resumia em dropar, fazer o turn na base da onda e seguir numa linha reta para o tubo, um estilo simples, mas com muita classe. Mas graças à minha prancha revolucionária, consegui criar uma nova maneira de surfar a onda, algo que não era possível até então com as pranchas convencionais." - Shaun Tomson



SHAUN TOMSON - POR UMA VIDA MELHOR

DURBAN 1975: DEZEMBRO NEGRO

Em 1975, durante o mês que ficou conhecido como 'dezembro negro', sete nadadores, entre eles Ernie Tomson – pai de Shaun – foram atacados por tubarões enquanto nadavam nas praias de Durban. Das sete vítimas, cinco sofreram ataques fatais e acabaram morrendo. Ernie foi um dos dois únicos sobreviventes, mas teve parte do seu braço direito praticamente inutilizada pela mandíbula do tubarão-do-zambeze que o atacou. Antes de ser atacado pelo tubarão, Ernie Tomson foi um excelente nadador e em 1946 chegou a disputar um lugar na equipe de natação olímpica da África do Sul. Shaun acredita que herdou o espírito competitivo do pai. "Ele era um competidor nato e acreditava que através dos esportes as pessoas poderiam interagir de uma maneira saudável." Ernie morreu em Durban, em 1981, vítima de um ataque do coração. Até hoje Shaun sente falta do pai: "Eu costumava ligar pra ele depois das minhas baterias para dizer como tinha ido".

O NASCIMENTO DO PROFISSIONALISMO

A geração de Shaun Tomson foi a responsável pelo nascimento do surf profissional. Criado em 1976, o primeiro circuito mundial contou com provas na Austrália, no Havaí, na África do Sul e no Brasil. "Foi um sonho que virou realidade graças a nomes como Fred Hemmings e Randy Rarick, que fundaram a IPS, criaram um sistema de pontos e um ranking mundial." Em 1976 Shaun venceu as duas etapas do circuito mundial – Gunston 500 e Hang Ten – disputadas na África. Mas como não disputou algumas etapas daquela histórica primeira temporada, pois estava na faculdade, acabou em 5º lugar no ranking da recém-fundada International Professional Surfing (IPS). O australiano Peter Townend foi declarado o primeiro campeão mundial, mesmo sem ter vencido nenhuma etapa. Em 1977, Shaun trancou a faculdade e decidiu disputar todas as provas do circuito. No Havaí, ele derrotou o havaiano Michael Ho na final da World Cup e conquistou seu primeiro, e único, título mundial. "Foi o auge da minha carreira", afirma o campeão mundial de 1977.

EXPANDINDO OS LIMITES DO TEMPO E DO ESPAÇO DENTRO DOS TUBOS

Foi no Havaí que o melhor surfista sul-africano da história transformou a arte de entubar e a elevou a níveis jamais imaginados pelos surfistas dos anos 1970. Nem mesmo Gery Lopez, o Mr. Pipeline, andou tão 'deep'. Tampouco Mark Richards, o surfista mais competitivo da segunda metade da década de 1970, desenvolveu uma técnica tão apurada quanto a do sul-africano. Shaun fez história nas direitas de Off the Wall. Seu eterno palco. Uma onda que ele desbravou e adotou como sua. Onde sedimentou sua reputação como um dos melhores tube riders de todos os tempos. "Meu estilo de surfar se encaixou naquela onda".

FREE RIDE

Shaun Tomson apareceu em muitos filmes de surf. Entre eles, *Fantasea* e *In God's Hands*. Mas foi no documentário *Free Ride* que ele desempenhou seu melhor papel. *Free Ride* transformou Shaun num ídolo eterno e lhe garantiu um lugar perpétuo no Olimpo do surf. Ao lado de deuses como Duke Kahanamoku, Phill Edwards, Nat Young e Gery Lopez. O fotógrafo americano Dan Merkel foi o responsável pelas imagens submarinas de *Free Ride*. O trabalho de Merkel durante as filmagens renderam alguns dos melhores momentos do filme, considerado um dos clássicos do gênero. Com uma Arri de 16 mm nas mãos, e filmando em câmera lenta, Merkel registrou Shaun Tomson expandindo os limites do tempo e do espaço dentro dos tubos em Off the Wall. Numa das melhores sequências do filme, Shaun aparece em Off the Wall pilotando sua icônica Spider Murphy 7'0", azul e branca, andando por dentro de lindos e longos canudos azuis. Shaun faz questão de enaltecer o talento de Merkel. "Ele revolucionou a fotografia aquática".

DUELO DE TUBOS COM M.R.

Em 1977 o diretor Bill Delaney estava no North Shore de Oahu, mais precisamente em Off the Wall, num dos melhores dias de surf daquele inverno, finalizando as filmagens de *Free Ride*. Shaun estava dentro d'água havia pelo menos umas 4 horas. Surfando com uma Spider Murphy 7'0", single fin, azul e branca: "Uma máquina de pegar tubos". Mark Richards também estava na água. Prestes a iniciar uma campanha memorável no circuito mundial, que iria levá-lo a conquistar quatro títulos mundiais, entre 1979 e 1982. M. R. dividia o palco com Shaun. O mar estava perfeito. E Shaun e M. R. continuavam surfando. Merkel filmava de dentro d'água, enquanto Delaney registrava toda a ação da praia, com outra câmera de 16 mm. "No começo da caída eu tinha dado uma rabeada no M. R. e um pouco depois ele me deu o troco", relembra Shaun. "Quando a melhor onda do dia surgiu no horizonte, nós dois remamos para ela." As imagens dessa onda, registradas por Delaney e Merkel, mostram Shaun com uma single fin e M. R. com uma biquilha, surfando juntos o mesmo tubo. Shaun atrás, M. R. na frente. "Aquele onda marcou uma virada na história do surf. Dali em diante as twin fins passaram a dominar o cenário, e M. R. conquistou seus quatro títulos mundiais surfando com pranchas de duas quilhas", resumiu Shaun. Depois do lançamento de *Free Ride*, o nome de Shaun Tomson tornou-se famoso em todo o mundo. E seu status como o melhor surfista da segunda metade da década de 1970 é quase que indiscutível. "A competição entre nós era muito acirrada. Mas acima de tudo havia respeito."

A INDÚSTRIA DO SURF

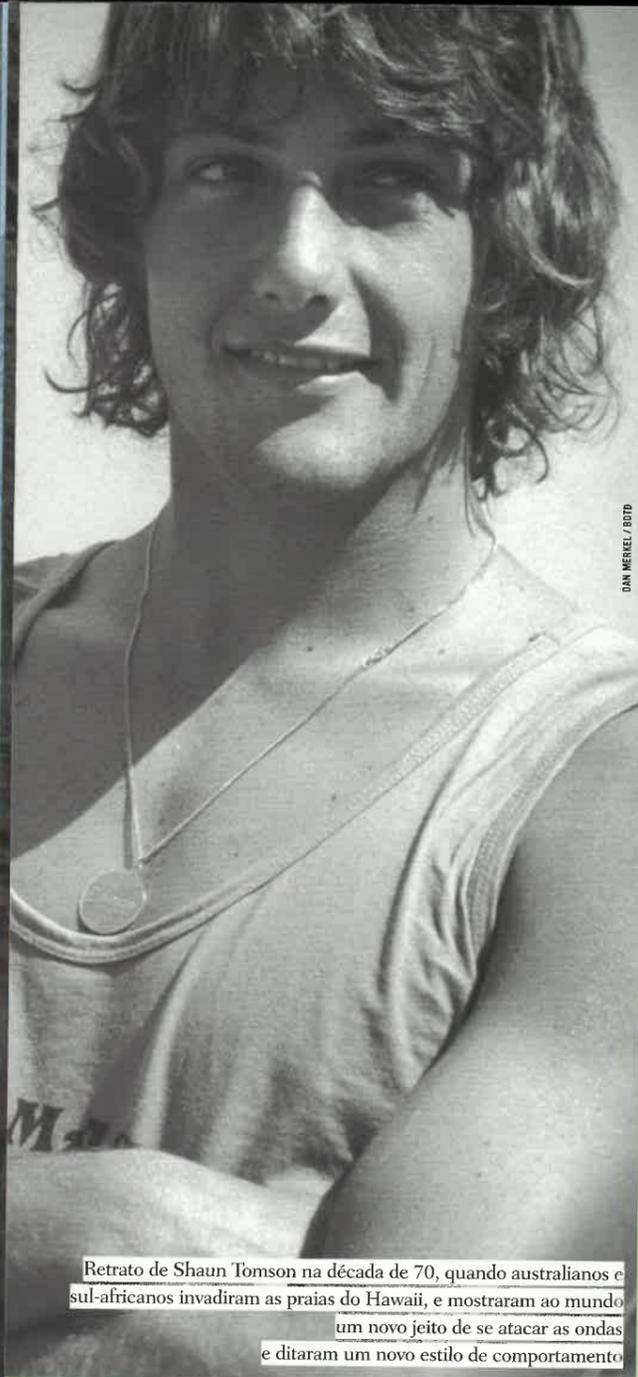
Em 1978, Michael Tomson, primo e parceiro quase inseparável de Shaun, fundou a Gotcha. Dois anos mais tarde Shaun criou a Instinct, sua própria marca. "As sementes de uma nova indústria foram plantadas no sul da Califórnia e também na Austrália." Os dois primos sul-africanos, que disputaram juntos o primeiro circuito mundial, passaram a residir na Califórnia e foram uns dos pioneiros da indústria do surf. Em 1982, Shaun fixou residência na cidade de Santa Barbara, na Califórnia. E cinco anos mais tarde se casou com a sul-africana Carla; o casal teve um filho, Mathew.

TOM CARROLL ROUBA O SHOW

Em 1985 faltou pouco para Shaun conquistar seu segundo título mundial. Mas o destino quis que um jovem e supercompetitivo australiano, chamado Tom Carroll, o ultrapassasse na reta final daquela temporada. A África do Sul é um país que viveu muitos anos sob um regime racista. Durante várias décadas, um código de leis, conhecido como Apartheid, garantiu privilégios aos brancos e impôs restrições aos demais seres humanos de acordo com a cor da pele. Em 1985, quando a África do Sul sofria com os mais diferentes boicotes, Shaun fez um discurso histórico na Austrália durante a cerimônia de entrega de prêmios do circuito mundial. Um pouco antes de a cerimônia começar, Shaun ficou sabendo que Tom Carroll, que havia acabado de conquistar seu segundo título mundial, iria anunciar um boicote à etapa sul-africana do circuito mundial de 1986 como uma forma de protesto contra o Apartheid. Shaun ficou arrasado quando soube que Carroll, que havia conquistado seus dois títulos mundiais com o patrocínio da Instinct, iria boicotar as provas da África. "Foi quando eu decidi fazer um discurso. Afinal de contas, a África do Sul foi um dos primeiros países a sediar competições internacionais de surf profissional e, no início do circuito mundial, foi fundamental para o crescimento do nosso esporte." Sabendo que Tom iria falar logo depois dele, Shaun tentou mostrar que era um erro misturar esporte com política e que um boicote contra as etapas sul-africanas não iria resolver o problema racial. "Foi muito doloroso perder aquele título na reta final. Demorei um tempo até me recuperar."

Shaun Tomson em companhia do lendário fotógrafo Dan Merkel (dentro d'água), especialista do North Shore, nos anos 1970. Foto de Jeff Divine

"Meu jeito de entubar estava anos luz à frente. Dentro do tubo, eu entrava em outra dimensão; o tempo se expandia. Às vezes, eu sentia que podia dobrar as paredes d'água de acordo com minha vontade." – Shaun Tomson



DAN MERKEL / BPTD

Retrato de Shaun Tomson na década de 70, quando australianos e sul-africanos invadiram as praias do Hawaii, e mostraram ao mundo um novo jeito de se atacar as ondas e ditaram um novo estilo de comportamento.

O CANTO DO CISNE

Em 1989 Shaun anunciou que não iria mais disputar o circuito mundial. Um ano depois, após se desentender com seu sócio, ele vendeu sua parte na Instinct e, em 1990, voltou para Durban a fim de acabar a faculdade. Mas a África do Sul passava por um momento politicamente turbulento. Era o final da era do Apartheid e o medo de uma guerra civil ameaçava a economia local. De volta a Durban, Shaun e sua mulher lançaram a marca Tomson. “A Carla desenhava a coleção e cuidava da produção. Eu administrava a empresa.” Mas o negócio acabou não dando certo. Na visão de Shaun, “a crise política afetou negativamente nossa economia e tivemos que fechar as portas”. Com o fracasso da Tomson, mas com um diploma de ‘business’ nas mãos, Shaun resolveu voltar para a Califórnia e tentar arrumar um emprego na indústria. Depois de bater em algumas portas, inicialmente sem sucesso, acabou sendo contratado pela Patagonia e, um pouco depois, pela O’Neill. Depois de algum tempo trabalhando pros outros, ele conseguiu levantar cerca de 1 milhão de dólares com alguns investidores e, mais uma vez, novamente associado com a mulher, fundou a Solitude, uma marca de roupas com escritório a menos de 3 quilômetros de Rincon. Após um começo promissor, em 2002 o negócio acabou sendo afetado pelo ataque às torres gêmeas. Quando tudo parecia caminhar para aquilo que seria mais uma falência, Shaun e Carla conseguiram levantar mais dinheiro, salvaram o negócio e um tempo depois venderam a marca para um dos maiores grupos americanos. “Em determinado momento, cheguei a pensar que iria quebrar pela segunda vez em menos de dez anos”, confessou Shaun. “Já tomei muitos caldos enquanto surfava ondas grandes em lugares como Waimea, por exemplo. Mas foi no mundo dos negócios que senti mais pavor, mais medo de fracassar. Porém, como sempre, consegui sobreviver ao caldo, voltar pro outside e pegar mais uma.”

A TRAGÉDIA

Mathew Tomson, único filho de Shaun e Carla Tomson, morreu no dia 24 de abril de 2006, em Durban, onde estava morando com a sua mãe. Shaun estava na Califórnia quando soube da tragédia que acabou com a vida de seu filho. Ele não se esquece do momento em que soube da morte do único filho: “Eu tinha acabado de gravar uma entrevista com uma equipe da televisão japonesa e estava dirigindo de volta para casa quando o telefone tocou. Do outro lado estava Carla: ‘Mathew está morto’, ela berrou antes de começar a chorar”. Mathew morreu vítima do ‘choking game’, um jogo perigoso, praticado por alguns adolescentes, que amarram um cinto ou uma gravata em algum lugar – muitas vezes na maçaneta de uma porta – e se enforcam até desmaiar. O oxigênio e o sangue deixam de chegar ao cérebro e os praticantes experimentam uma sensação de estado alterado, uma espécie de ‘barato’ quando estão acordando. O problema é que, em alguns casos, quando o cérebro desliga, o praticante perde o controle do seu corpo e, desmaiado, pode continuar se enforcando até morrer asfixiado. Foi o que provavelmente aconteceu com Mathew. “Essa é uma cicatriz que vou carregar para o resto da minha vida.”

O RENASCIMENTO

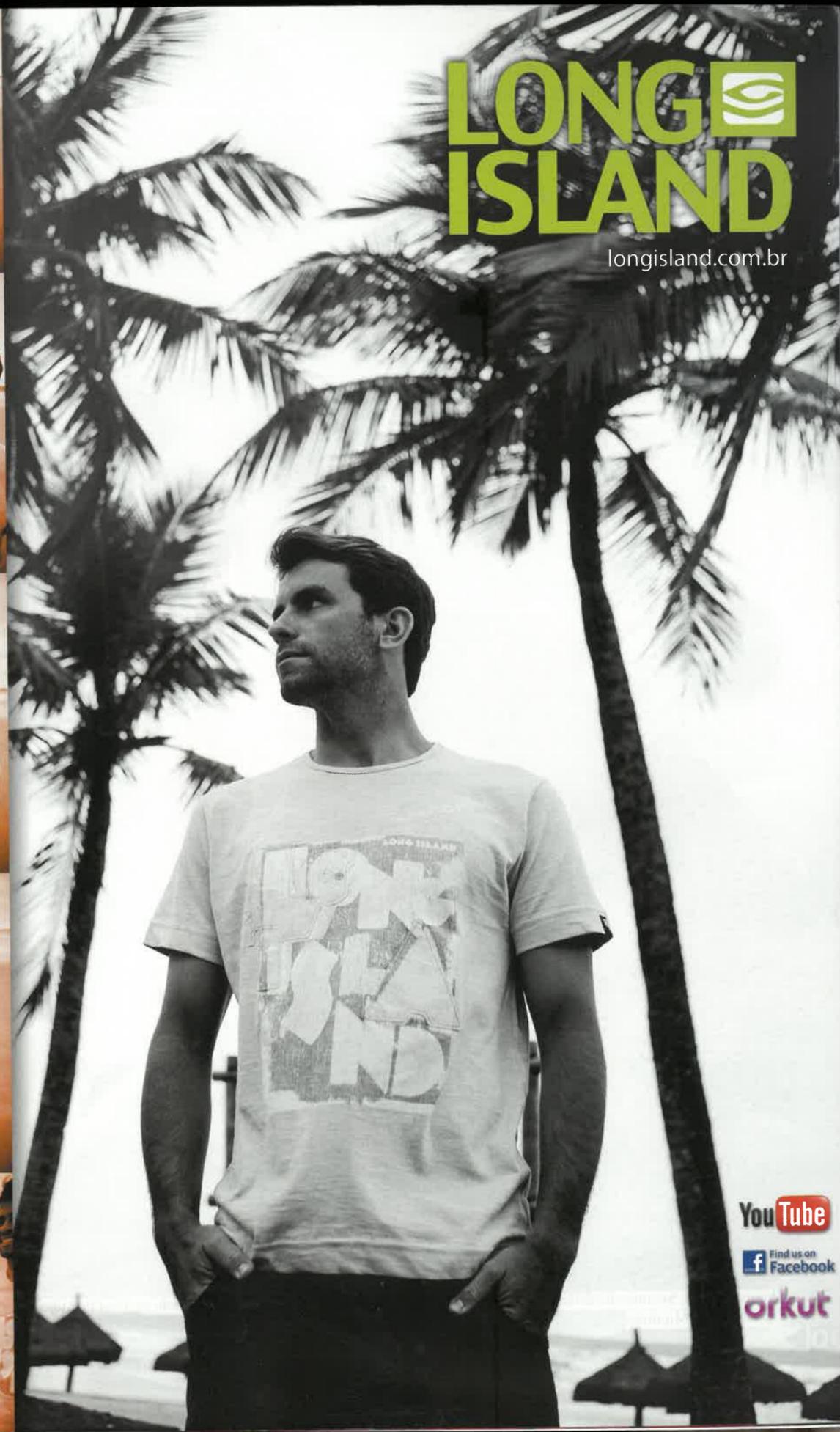
Shaun passou boa parte das décadas de 1970, 80 e 90 viajando pelo mundo. Mas desde 1982, ele e Carla moram em Santa Barbara, uma pequena cidade da Califórnia, que fica cerca de 100 quilômetros ao norte de Los Angeles. “Santa Barbara é um cidadezinha fantástica! Com praias tranquilas e muitas ondas quebrando nos arredores.” Recentemente, os dois adotaram um menino, que batizaram de Luke. “É como se Mathew tivesse renascido. Nossa vida encontrou um novo sentido”, conta Shaun. Sua popularidade continua intacta em todo o mundo. Em qualquer praia do planeta em que ele aparecer, algum surfista irá reconhecê-lo e pedir seu autógrafo, a sua bênção. Este ano, no Brasil, durante o Masters da ASP, não foi diferente. É impressionante a idolatria que ele provoca nos fãs brasileiros. “Eles vêm me abraçar, pedir pra tirar uma foto... Teve até um que me deu um beijo.” Conta, rindo. Shaun já esteve muitas vezes no Brasil. “Foi aqui, no Rio, que pedi a Carla em casamento.” Shaun explica que os surfistas aprendem a ser pacientes: “Nós temos que saber esperar pela mãe natureza. Estamos sempre com os olhos no horizonte aguardando que ela nos envie o próximo swell.”



atleca Renato Galvão

LONG ISLAND

longisland.com.br

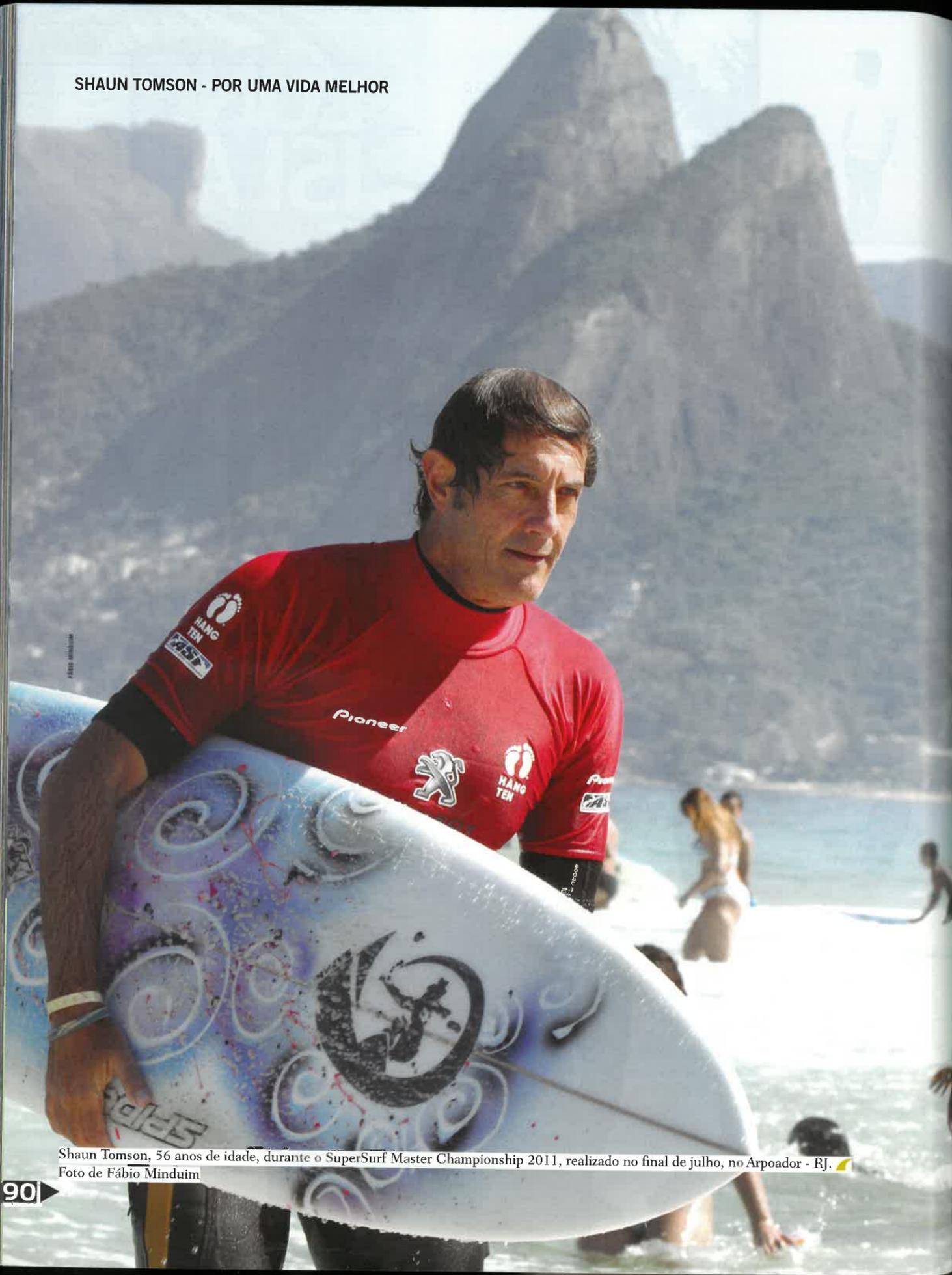


YouTube

Find us on Facebook

orkut

SHAUN TOMSON - POR UMA VIDA MELHOR



Shaun Tomson, 56 anos de idade, durante o SuperSurf Master Championship 2011, realizado no final de julho, no Arpoador - RJ. Foto de Fábio Minduim



**FUNDAMENTAL PARA QUEM VIVE NA PRAIA,
COM OU SEM PRANCHA**

O Portal Alma Surf é uma nova proposta de plataforma de comunicação online – informação e interatividade multimídia de forma plena na Internet. No ar!

almasurf.com



DNA
por Rico de Souza

A LONGEVIDADE DO SURF

A 'vida' da cultura de praia

O surf e a cultura de praia sempre estiveram presentes na minha vida e me fizeram viver mais e mais feliz. Como eu morava perto da praia do Leblon, no Rio de Janeiro, o meu envolvimento com o mar começou desde cedo, quando eu ainda era garoto.

No início eu não tinha ideia do estilo e da qualidade de vida que estava adquirindo com os esportes praticados no mar. Mas os prazeres que o contato com o mar proporcionava ao meu ser eram tantos que rapidamente passei a ficar interessado cada vez mais por tudo que fosse relacionado ao mar, desde qualquer tipo primitivo de surf.

Primeiro vivi a época em que a onda era surfar de peito, o tradicional jacaré. Lembro que eu era muito novo, uma criança. Mas a rapaziada mais velha era casca-grossa e botava para baixo nos maiores mares que subiam no Posto 5 de Copacabana. Lá era o point, o agito.

Logo depois, passei a interagir com a galera do mergulho e da caça submarina, esportes muito populares na época, principalmente no costão da Av. Niemayer e no Arpoador, outros points da saúde. Alguns anos mais tarde, o snorkel, o arpão e o pé-de-pato passaram a ser trocados pelas pranchas de surf e pelo estilo de vida do surfista.

Minha primeira prancha foi uma planonda, pequena e feita de isopor, que usei muito para pegar o famoso jacaré. Logo depois, em 1964, comprei a minha primeira madeirite e passei a frequentar o Pontão do Leblon todos os dias. É época de muita curtidão e ótimos dias na praia... Daf o surf me conquistou de vez. Foi aí que percebi uma nova qualidade de vida dentro da minha vida, que já era boa. O esporte surf ganhou popularidade no Rio de Janeiro, o número de praticantes dentro e fora d'água aumentou, e as pranchas passaram a ser feitas de fibra de vidro, o que mudou radicalmente a forma como o surf era praticado e encarado pelos jovens, que buscaram uma nova dinâmica de performance.

Nos anos seguintes, principalmente em 1972, as praias do Rio ganharam mais um ponto turístico e cultural, o Pier de Ipanema. E a revolução comportamental que surgiu ali nas areias fortaleceu ainda mais a cultura surf e passou a reunir toda a tribo 'nas mesmas ondas', o que marcou um período maravilhoso na vida dos surfistas cariocas.

Nessa época, novos valores passaram ser associados ao estilo de vida surf, como a consciência ecológica, os bons hábitos de conduta e alimentares. As comidas naturais caíram nas graças dos surfistas, o que possibilitou a inauguração da primeira loja de sucos do Rio de Janeiro, que ficava localizada bem em frente ao Pier, na esquina das ruas Teixeira de Melo e Visconde de Pirajá. Ali era legal, só gente bonita, moderna e descolada.

Rico de Souza: surfista de alma.
Na foto, surfa a esquerda perfeita de Mentawai, na Indonésia

O fato de vivermos em função das ondas, observarmos a troca dos ventos e viajarmos ao redor do mundo em busca de um novo swell nos proporciona uma cultura filosófica única, a do bem-estar. Volto à origem da minha própria história, porque hoje em dia vejo que o surf foi uma das coisas mais importantes que conquistei como homem, e que incorporei o esporte de corpo e alma. Sinto-me surf. E o surf é a própria longevidade.

Nós, surfistas, fomos privilegiados com toda essa cultura que posso chamar de saudável. Essa opção de lifestyle se encaixou perfeitamente com o nosso estilo e nos fez viver muito mais.

O fato de a nossa tribo viver em função das ondas, observar a troca dos ventos e viajar ao redor do mundo em busca de um novo swell nos proporciona uma cultura e uma filosofia únicas, do bem-estar.

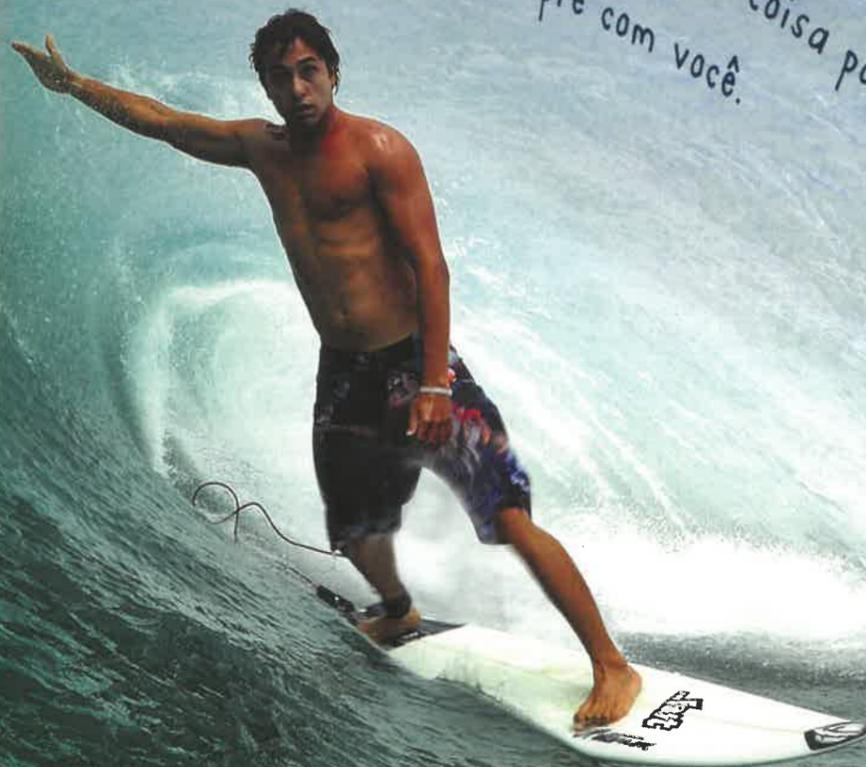
Volto à origem da minha própria história, porque hoje em dia vejo que o surf foi uma das coisas mais importantes que conquistei como homem, e que incorporei o esporte de corpo e alma. Sinto-me surf.

Agradeço todos os dias ter construído, através do surf, a minha família, a minha cultura e também a relação respeitosa e verdadeira com os meus amigos.

Deixo aqui um grande abraço a toda a tribo que também vive essa longevidade. O surf é a própria longevidade.

Aloha e boas ondas!
Rico

Há 11 anos estamos todos os dias junto com você e sempre buscamos cada vez mais te oferecer o melhor conteúdo. Nesses 11 anos já publicamos mais de 15.000 matérias, 350.000 boletins de todo o litoral brasileiro, mas ainda tem muita coisa por vir. ricosurf.com 11 anos sempre com você.



Rico surf.com
Sua onda começa aqui

Anuncie no Ricosurf.com e fale com 650.000 visitantes mensais.

ricosurf@globocom

(21) 2438-4096 / 2438-1821

#ricosurf



SURF ETERNO
por **Taiu Bueno**

SURFAR ATÉ MORRER

E surfar em outro plano

Quando vivemos, falamos ou pensamos em coisas boas, nunca queremos que elas se acabem. Quando essa 'coisa' é o surf, a vontade é generalizada: queremos surfar até morrer!

O problema desta 'longevidade' do surf é o quanto a qualidade de vida que buscamos vai nos amparar e restar. Até quando o nosso corpo já estiver na segunda metade da vida, e aí pra frente. Surfar adequadamente, ter bons hábitos alimentares e não praticar extravagâncias é sem dúvida o melhor caminho para se envelhecer com o corpo de maneira saudável. A qualidade do surf na terceira idade, por exemplo, é um reflexo do que foi investido e plantado durante a juventude. É o período em que melhor se equilibra corpo, mente e espírito. Ser racional com a alimentação é o básico. A proteção da pele, na praia e água salgada, também. Os cuidados e a consciência com o corpo são outro fator vital de sobrevivência. É preciso praticar alongamento desde muito cedo e diariamente, assim como dormir bem e procurar ter controle de artifícios como o álcool, fumo e afins. Quanto mais você buscar envelhecer de uma forma saudável, mais agradável será a prática do surf e melhor será a performance dentro e fora d'água, no seu dia a dia, seja lá para o que for, inclusive nos prazeres da vida.

O problema de viver onde não existem boas ondas desestimula um pouco, o esforço aumenta. Mas a gana por ondas melhores pode ser suprida por boas viagens. A qualidade das ondas disponíveis conta e muito, mas só depois de certo ponto, porque, quando somos garotos, qualquer marola está ótima. Depois dos 40 anos, a formação das ondas vai pesar sobre a empolgação. Faço um paralelo entre a longevidade da vida e o estilo de surf. O desgaste saudável do nosso corpo, quando surfamos, tem também muito a ver com a maneira como ficamos em pé na prancha. Se a base for firme, centrada, sem muita pressão na coluna e nos joelhos, teremos menos desgaste. Já se você surfar se entortando radicalmente nas curvas e fazendo esforços intensos, não vão tardar para os problemas aparecerem e incomodarem. Agora, se o cara surfa por amor e apenas desliza sobre as ondas, tem uma elevação espiritual muito mais acentuada. E você nunca vai parar de surfar. Seja você um free-surfer, um competidor ou um surfista recreativo. Tá... Quase tudo como uma teoria minha. Mas há controvérsias, pelo menos pra mim, que estou fissurado na minha nobre 'jabiraca', a longevidade saudável no esporte é um produto desses diversos fatores. E, principalmente, mental. Eu já notei que se a pessoa morar e envelhecer num lugar como o North Shore, por exemplo, com ondas de qualidade na epicentral meca do surf, é mais fácil manter o interesse pelo esporte por mais tempo. E ir mais longe...

Quanto mais você buscar envelhecer de uma forma saudável, mais agradável ficará sua prática do surf e melhor será sua performance dentro e fora d'água, no seu dia a dia, seja lá para o que for, inclusive nos prazeres da vida. Faço um paralelo entre a longevidade da vida e o estilo de surf. O desgaste saudável do nosso corpo, quando surfamos, também tem muito a ver com a maneira como ficamos em pé na prancha. Surfar por amor e apenas deslizar sobre as ondas proporciona uma elevação espiritual muito mais acentuada. E você nunca vai parar de surfar.

Mas aí eu me pergunto: e os caras do Rio de Janeiro? E os tow-surfers de Maresias? E os surfistas de Florianópolis? E os legends do Norte e Nordeste? Eu mesmo caio em contradição... Mas sei que viajar com periodicidade para lugares como qualquer ponto do Triângulo Polinésio ou da Indonésia também pode ser uma boa fórmula para manter o sonho de criança. O surf para eternidade. A busca da onda perfeita e o espírito de aventura é parte da contagiante experiência que está intrínseca ao Esporte dos Reis. Mantenha-se surfando, seja um Rei! Aloha, Taiu

Taiu é um exemplo de longevidade no surf. Superou as peças do destino e surfa eternamente - no plano eterno, ou na esfera do pensamento cósmico

BRUN NEWS

www.tntenergydrink.com.br

PREVISÃO TNT: OCORRÊNCIA DE FORTES PANCADAS NOS PRÓXIMOS DIAS.

[CONFIRA OS DUELOS DOS TNT FIGHTERS.]

MMA

MINOTAURO X BRENDAN SCHAUB
27 de agosto - UFC 134 - Rio de Janeiro, Brasil

MINOTOURO X RICH FRANKLIN
06 de agosto - UFC 133 - Filadélfia, EUA

ZÉ ALDO
Colocará o seu cinturão dos pesos-leves em jogo neste segundo semestre de 2011.

JUDÔ

FLÁVIO CANTO

De 8 a 10 de julho - *Copa do Mundo Islas Margaritas (Venezuela)*
De 15 a 17 de julho - *Copa do Mundo (El Salvador)*
De 10 a 13 de julho - *Concentração em São Paulo para o Mundial*
De 23 a 28 de agosto - *Mundial Individual e de Equipes*
De 26 a 29 de outubro - *Jogos Pan-Americanos 2011*
De 2 a 4 de dezembro - *Competição em Londres*

DANIEL HERNANDES

De 8 a 10 de julho - *Copa do Mundo Islas Margaritas (Venezuela)*
De 15 a 17 de julho - *Copa do Mundo (El Salvador)*

JIU-JITSU

GABRIEL VELLA
Setembro - *ADCC na Inglaterra*
Setembro - *Mundial de Grappling*

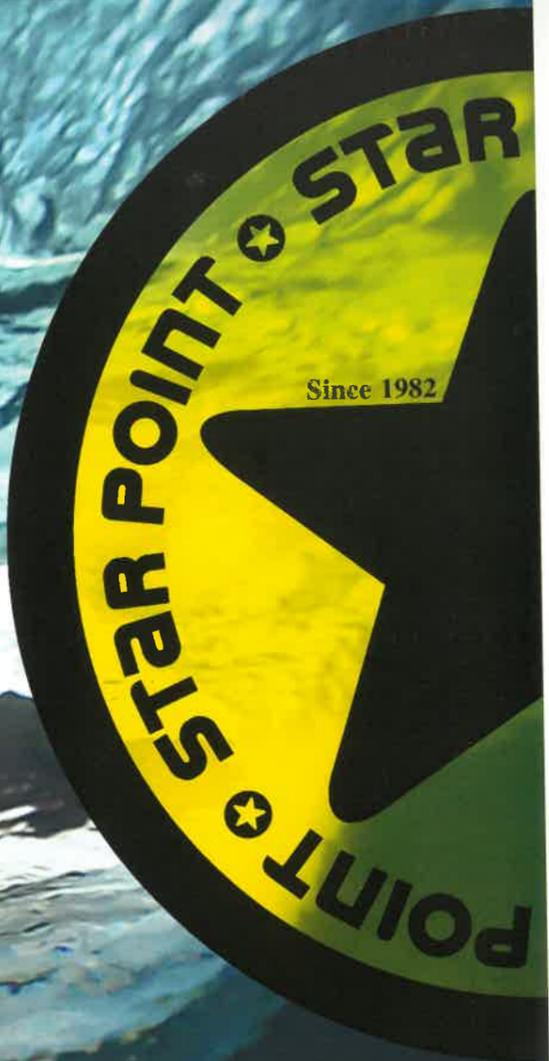


GABRIEL VELLA - Jiu-Jitsu
MINOTOURO - MMA
DANIEL HERNANDES - Judô
JOSE ALDO - MMA
MINOTAURO - MMA
FLÁVIO CANTO - Judô



[ESTAMOS NA TORCIDA]

TEAM TNT. NASCIDO PARA DETONAR
TNT DETONE



STAR POINT FOR REAL SURFERS

 www.facebook.com/starpointoficial
 www.twitter.com/_starpoint

Lojas Star Point

SP: moema • sh.eldorado • sh.villa-lobos • sh.morumbi • sh.granja vianna • sh.bourbon • sh.maís largo 13 • sh.metrópole
sh.dom pedro campinas • sh.iguatemi campinas • sh.colinas são José • sh.mogi • guarujá • sh.litoral plaza praia grande
PR: sh.palladium curitiba • maringá park.sh - SC: criciúma • sh.iguatemi florianópolis • balneário camboriú • garten.sh joinville
DF: sh.brásilia - RJ: barra.sh • norte.sh • sh.leblon • sh.plaza niterói
www.starpoint.com.br • franquias 11 5053.4365





OSKLEN
Rio de Janeiro

ING. SIZ™